



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em Letras



Dissertação

Estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Pelotas, 2022

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras – Área de Aquisição, Variação e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Lebedeff

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B574e Bezerra, Giovana Cristina de Campos

Estratégias de produção da escrita acadêmica de
mestrandos e doutorandos surdos / Giovana Cristina de
Campos Bezerra ; Tatiana Bolivar Lebedeff, orientadora. —
Pelotas, 2022.

96 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2022.

1. Produção escrita. 2. Letramento. 3. Acadêmicos
surdos. 4. Estratégias de produção acadêmica. I. Lebedeff,
Tatiana Bolivar, orient. II. Título.

CDD : 371.912

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

GIOVANA CRISTINA DE CAMPOS BEZERRA

Estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, ____ de _____ de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Tatiana Bolívar Lebedeff

Orientadora/Presidente da Banca – PPGL/UFPel

Prof.^a Dr.^a Carolina Hessel Silveira

Doutora em Educação pela Universidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Membro da Banca

Prof.^a Dr.^a Francielle Cantarelli Martins

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos

Dissertação aprovada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras – Área de Aquisição, Variação e Ensino, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Profa. Dra. Tatiana Lebedeff (Orientadora)

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Carolina Hessel Silveira

Doutora em Educação pela Universidade Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Francielle Cantarelli Martins

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos

Deus obrigado por iluminar o meu caminho. Minha vida tem sido marcada por realizações diárias, que às vezes não dou o devido valor, mas eu sei que a graça de Deus se faz presente em todos os momentos da minha vida. (Augusto Cury).

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela vida e por esse momento, o de realizar esse sonho para dar mais um passo em minha vida e lutar, com toda força, resistência e coragem para aprender e ampliar meus conhecimentos.

Aos meus pais, Amaro e Olívia, que me ensinaram a aprender e estimularam a minha educação. Obrigada pelo apoio da minha família!

Aos meus avós (*in memoriam*), que me apoiaram no meu processo de escolarização para me ajudar a superar o medo, fazendo dos estudos uma porta aberta para o meu caminho.

Ao meu irmão Rafael, que sempre elogiou meu esforço no estudo e a todos os meus familiares. Todos vocês são meus exemplos para a vida. Obrigado por me apoiarem nessa busca pela ampliação dos meus conhecimentos, que faço tudo com muita dedicação e esforço para seguir em busca dos meus objetivos, que é estudar. Obrigado por sempre acreditarem no meu potencial.

Ao meu esposo Roney Bezerra, meu amor, que sempre esteve ao meu lado, me estimulando e me incentivando a continuar meus estudos, meu trabalho, entre outras responsabilidades. Obrigado pelo apoio durante a realização desta Dissertação.

Aos meus filhos, João, Renzo e Fiorella, tesouros que me compreenderam na minha ausência nos dias de estudo e que me apoiaram com muita atenção. Vivemos a vida com todo o amor e paciência em nossos corações, ao longo desses dois anos.

À Tatiana Bolivar Lebedeff, minha orientadora, pelo apoio e pela partilha na troca de experiências para a ampliação do meu conhecimento. Obrigado por essa grande experiência.

E, por fim, à tradutora e intérprete de Libras-Língua Portuguesa, minha parceira, Paula Penteadó David, por aceitar o desafio deste trabalho, traduzindo da língua brasileira de sinais para a língua portuguesa.



*Uma nova leitura tem sua gênese nos olhos, na memória,
nos desejos do leitor que mobiliza sua vida para emprestá-la ao texto
e, ao mesmo tempo, aproveitar para ele a redimensionar.*

(Eliana Yunes).

*Mais importante que o pensamento
é aquilo que nos força a pensar.
(Deleuze).*

Resumo

BEZERRA, Giovana Cristina de Campos. **Estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos**. 2022. 96f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A presente dissertação visou compreender e discutir a produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos, usuários de Libras como L1. Para esses acadêmicos, o português é considerado uma segunda língua em uma segunda modalidade, ou seja, L2M2. Para esta investigação, a metodologia escolhida foi a qualitativa, tendo como objetivo principal compreender as estratégias de escrita acadêmica produzidas por estudantes de pós-graduação. Foram entrevistados três mestres e três doutores surdos, docentes de Instituições de Ensino Superior. As entrevistas foram realizadas por videoconferência em Libras e, posteriormente, foram transcritas para a língua portuguesa. Os dados foram agrupados em quatro categorias: 1) a presença do TILS no Programa de Pós-Graduação; 2) a experiência com o orientador; 3) o papel da escola; e 4) o processo de produção da escrita. Os entrevistados evidenciaram, em seus relatos, a dificuldade de garantias de direito linguístico nos Programas de Pós-Graduação, tendo em vista que precisam pagar os Tradutores Intérpretes de Libras para que tenham suas produções acadêmicas traduzidas e revisadas, tendo em vista que os Intérpretes estão disponíveis apenas nos momentos de aula. Além disso, relatam a fragilidade do ensino de Português nas escolas, que não os preparam no Letramento Acadêmico. Compreendeu-se que uma das principais estratégias de produção de texto acadêmico é via produção de vídeos, seja para organizar as ideias, de modo particular, seja para comunicação com a Tradutora e Intérprete de Libras. Referem como positivo o fato de a língua de sinais e a cultura surda estarem presentes no ambiente acadêmico. Os dados permitem compreender a necessidade de qualificar o ensino de português nas escolas bilíngues para surdos e de ampliar os tempos de atuação dos Tradutores e Intérpretes de Libras na pós-graduação.

Palavras-chave: Produção escrita de acadêmicos surdos; letramento acadêmico de surdos; estratégias de produção acadêmica escrita por surdos.

Abstract

BEZERRA, Giovana Cristina de Campos. **Strategies for the production of academic writing by deaf master's and doctoral students**. 2022. 96f. Dissertation (Master in Letters) – Postgraduate Program in Letters, Center for Letters and Communication, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present dissertation aimed to understand and discuss the production of academic writing of deaf masters and doctoral students, users of Libras as L1. For these academics, Portuguese is considered a second language in a second modality, that is, L2M2. For this investigation, the methodology chosen was qualitative, with the main objective of understanding the academic writing strategies produced by graduate students. Three deaf masters and three doctors, professors at Higher Education Institutions, were interviewed. The interviews were conducted by videoconference in Libras and were later transcribed into Portuguese. Data were grouped into four categories: 1) the presence of TILS in the Graduate Program; 2) the experience with the advisor; 3) the role of the school; and 4) the writing production process. The interviewees evidenced, in their reports, the difficulty of guarantees of linguistic rights in Graduate Programs, given that they need to pay Libras Interpreters Translators to have their academic productions translated and revised, given that Interpreters are available only during class times. In addition, they report the fragility of Portuguese teaching in schools, which do not prepare them in Academic Literacy. It was understood that one of the main academic text production strategies is via video production, either to organize ideas, in a particular way, or to communicate with the Libras Translator and Interpreter. They refer as positive the fact that sign language and deaf culture are present in the academic environment. The data allow us to understand the need to improve the teaching of Portuguese in bilingual schools for the deaf and to extend the working time of Libras Translators and Interpreters in postgraduate studies.

Keywords: Written production of deaf academics; academic literacy of the deaf; academic production strategies written by the deaf.

Lista de Figuras

1 Introdução	15
2 Letramento, letramento acadêmico e a surdez	22
2.1 Letramento	22
2.2 Letramento acadêmico	26
2.3 Pesquisas sobre letramento acadêmico de estudantes surdos.....	27
3 A educação superior: desafios e produções.....	32
4 Metodologia	44
5 Considerações finais.....	56
Referências.....	61
Apêndices.....	68
Anexos	96

Lista de Gráficos

1 Introdução	15
2 Letramento, letramento acadêmico e a surdez.....	22
2.1 Letramento	22
2.2 Letramento acadêmico	26
2.3 Pesquisas sobre letramento acadêmico de estudantes surdos.....	27
3 A educação superior: desafios e produções.....	32
4 Metodologia	44
5 Considerações finais.....	56
Referências.....	61
Apêndices.....	68
Anexos	96

Lista de Quadros

1 Introdução	15
2 Letramento, letramento acadêmico e a surdez	22
2.1 Letramento	22
2.2 Letramento acadêmico	26
2.3 Pesquisas sobre letramento acadêmico de estudantes surdos.....	27
3 A educação superior: desafios e produções.....	32
4 Metodologia	44
5 Considerações finais.....	56
Referências.....	61
Apêndices.....	68
Anexos	96

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEE	Atendimento Educacional Especializado
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FENEIS	Federação Nacional Educação e Integração dos Surdos
IES	Instituição de Ensino Superior
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
INES	Instituto Nacional Educação de Surdos
L2M2	Língua 2 Modalidade 2 – Segunda Língua e Segunda Modalidade
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
M1M2	Primeira materna e segunda materna
M2	Segunda materna
MEC	Ministério de Educação e Cultural
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
QCER	Quadro Europeu Comum de Referência
TCC	Trabalho Conclusão do Curso
TILS	Tradutores-intérpretes de língua de sinais (Libras/Português)
TILSP	Tradutor e Intérprete de Libras/LP
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFPEl	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNIJUÍ	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
UTP	Universidade do Tuiuti do Paraná

Sumário

1 Introdução	15
2 Letramento, letramento acadêmico e a surdez	22
2.1 Letramento	22
2.2 Letramento acadêmico	26
2.3 Pesquisas sobre letramento acadêmico de estudantes surdos.....	27
3 A educação superior: desafios e produções.....	32
4 Metodologia	44
5 Considerações finais.....	56
Referências.....	61
Apêndices.....	68
Anexos	96

1 Introdução

Primeiramente, contarei um pouco das minhas memórias. Eu nasci na cidade de Tucunduva, no Rio Grande do Sul. Minha mãe contraiu rubéola durante a minha gestação. No dia em que eu nasci, tanto a enfermeira quanto o médico que realizaram o meu parto não identificaram nada fora dos padrões.

Quando eu tinha um ano e seis meses, mais ou menos, meus pais perceberam que quando eles chamavam o meu nome eu não respondia. Então, enquanto eu brincava, meu pai pegou uma panela e começou a bater nela para chamar minha atenção, porém, eu continuei brincando, pois não escutava nada. Diante disso, meu pai resolveu me levar a um médico para saber por que eu não respondia aos estímulos auditivos.

Após me examinar, o médico falou para o meu pai que eu havia perdido a audição, ou seja, era surda. Geralmente, os pais ficam preocupados diante de um diagnóstico como esse, perguntam-se como vão ensinar seus filhos. Entretanto, meu pai não ficou apavorado, porque para ele eu era igual a qualquer criança ouvinte, que não tinha nenhuma deficiência física.

Em casa, meu pai começou a me ensinar a oralizar. A questão visual sempre foi muito forte para mim. Eu me recordo do dia que meu pai pegou um pão com geleia (sinais caseiros) e oralizou devagar “PÃO”. Ele tentava me explicar a tonicidade das sílabas, a diferença entre o “P” e “B”. Uma vez meu pai pegou o violão e me chamou, mas eu não sabia o porquê, afinal, eu não escutava nada. Então, ele colocou minha mão sobre o violão e eu consegui sentir as vibrações. Aquilo foi incrível!

Quando eu já estava na idade escolar, meus pais me matricularam em uma escola regular com alunos ouvintes, na pré-escola da Escola Estadual de Educação Básica João XXIII, em Campinas das Missões, no Rio Grande do Sul. Eu não conhecia ninguém na turma. Todos eram ouvintes e a professora só se comunicava na língua oral. Mesmo assim, fui aprovada para a primeira série e continuei a estudar na mesma escola. Eu me lembro que a sala era grande e tinha muitos alunos. Na distribuição da sala, minha cadeira era a última da fila e ao meu lado ficava uma colega que tinha uma deficiência na perna e que me ajudava muito.

~~Ao iniciar na primeira série eu já sabia escrever no caderno e fazer cópias no caderno, pois minha mãe me ensinou desde muito cedo o alfabeto e as tarefas de casa. Na sala de aula, a professora escrevia e falava muito rápido, eu não conseguia acompanhar e nem entender nada. Então, minha colega do lado me emprestava o caderno para eu copiar.~~

Uma estratégia que eu utilizava para estudar, nessa época, era fazer relação das palavras com as gravuras dos livros didáticos, especialmente no livro de língua portuguesa. Por exemplo, eu via imagem de um ovo e ao lado a palavra “OVO”, pois entendia que aquela era a escrita do objeto. Dessa forma, apreciava um vocabulário básico da língua portuguesa. Outro fato marcante foi durante as aulas de Educação Física, pois eu ficava sozinha e via as pessoas sorrindo, mas eu não sabia o motivo, porque eu era surda e ninguém me falava sobre os motivos de estarem rindo.

Certo dia, enquanto trabalhava na oficina de carros, meu pai ouviu no rádio uma notícia sobre uma escola nova que ficava na cidade de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. Era uma escola de Educação Especial: Escola de 1º Grau Incompleto Concórdia com ênfase em Educação Especial. Era uma escola para crianças surdas. Meu pai pensou na possibilidade de eu estudar nessa escola e resolveu me levar para conhecê-la, mas quando ele me falou que íamos para Santa Rosa, pensei que era apenas um passeio.

Não conhecíamos ninguém da escola, nem as professoras, nem a direção escolar. Recordo-me que a professora veio falar comigo mexendo as mãos, sinalizando “Oi, tudo bem?”, e eu não entendi e acabei me escondendo atrás do meu pai. Nessa oportunidade, meu pai conversou com o diretor da escola e com uma professora, que nos levou até a sala de aula, onde tinha muitas pessoas conversando com as mãos, através da língua de sinais, e eu não entendia nada. Eu não conhecia aqueles sinais, não sabia a língua de sinais.

A professora, vendo que eu só observava, sinalizou para eu desenhar uma casa, mas eu não compreendi o comando e, por isso, meu pai sinalizou, usando sinais caseiros e oralizando ao mesmo tempo: “Desenhar sua casa” – e aí, sim, eu entendi. A professora sinalizou perguntando meu nome, mas eu continuei sem entender. Meu pai novamente gesticulou e oralizou: “Teu nome”, então, entendi que era para eu escrever meu nome.

Na hora do intervalo eu fiquei sozinha por um momento. Eu não sabia como me comunicar com aquelas pessoas surdas. Uma menina que tinha uma caixa de boneca me convidou para brincar com ela e eu aceitei. Começamos a brincar e eu passei a ter o desejo de me comunicar através da língua de sinais. Partindo dessa experiência, comecei a me ver enquanto pessoa surda e reconhecer a língua de sinais como a minha forma de comunicação.

Diante disso, meu pai veio e me avisou que no próximo ano ele iria me matricular naquela escola, mas não aceitei, porque eu não queria esperar o próximo ano, queria que fosse naquele momento. Eu me senti tão bem naquela escola. Então, meu pai foi conversar com o diretor para ver a possibilidade de me matricular, mesmo já estando na metade do ano letivo. E o diretor aprovou a minha matrícula.

Nessa época, morávamos na cidade de Campina das Missões e precisamos nos mudar para uma cidade pequena, que ficava mais próxima da cidade de Santa Rosa e que eu poderia ir todos os dias para a aula e voltar sozinha de ônibus. Com isso, meu pai só precisou me levar uma vez para me acostumar com o trajeto.

Na terceira série do Ensino Fundamental, na Escola Concórdia, tive uma professora de língua portuguesa que escrevia muito texto, mandava a gente copiar do quadro por várias vezes. Não conhecíamos as palavras em língua portuguesa e parecia que ela queria que aprendêssemos aquela língua sozinhos, como uma “descoberta”. Já na quarta série do ensino fundamental, percebi que meu vocabulário de língua portuguesa era básico.

Da quinta série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, na Escola Concórdia, tive um novo professor, que aplicou uma metodologia nova para que aprendêssemos as palavras.

O que sabia eram sinais básicos e tinha muitas disciplinas. Por exemplo, o professor de língua portuguesa dava o texto para lermos e marcarmos as palavras que não conhecíamos. Após, a atividade era: com o uso do dicionário, copiar as palavras desconhecidas no caderno e buscar o significado. Isso acontecia até entendermos todo o texto. Era muito trabalhoso aprender o significado das palavras em língua portuguesa dessa forma.

Além das disciplinas, tinha, também, as disciplinas interdisciplinares que eram próprias da escola, a fim de estimular o letramento. As professoras dessas disciplinas eram mais desafiadoras e traziam, por exemplo, um texto com cinco páginas para estudarmos, ler, entender e discutir o texto. Depois, era preciso gravar vinte folhas de texto, o que era um desafio para os alunos surdos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Ler o texto, sublinhar as palavras desconhecidas, pesquisar no dicionário para saber o significado para entender o contexto, e cada aluno ficava responsável por explicar o seu parágrafo, dar o seu entendimento do texto apresentado, discutir e dar a sua opinião. Então, diante disso, começava reconhecer a entender que tínhamos um desafio, o de lutar, aprender, saber escrever e conhecer o mundo.

No uso do dicionário, eu tinha um colega que só fazia a leitura com alguém sinalizando para ele entender e muitos dos meus colegas, na época, aprenderam o vocabulário da língua portuguesa através dessa metodologia, desse tipo de letramento. Ao finalizar o Ensino Médio, na Escola Concórdia, passei no vestibular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), polo de Santa Rosa, para o Curso de Pedagogia. Na minha sala de aula tinha uma tradutora intérprete de Libras, os colegas ouvintes e uma colega surda.

Nas aulas, já na Universidade, os professores entregavam o texto impresso em língua portuguesa, contendo perguntas para responder. Diante disso, alguns questionamentos: minha redação deveria estar na estrutura da Língua Brasileira de Sinais, como eu deveria proceder? Por que no Ensino Médio eu estudava com surdos e, naquele momento, estudaria com ouvintes? Ou seja, era um momento de me desafiar nos estudos, forçar-me a ler, escrever e acompanhar a intérprete de Libras. No segundo semestre do Curso de Pedagogia, por motivos pessoais, precisei trancar-me por falta de condição financeira da minha família.

Nesse momento, consegui um contrato de estágio, uma parceria entre a Escola Concórdia e a UNIJUÍ. No início, trabalhei na escola no ensino de Libras e percebi que os alunos surdos não gostavam de ler textos em língua portuguesa. Sentia empatia por eles, pois lembrava da minha época na escola. Com o término do meu estágio na escola, tive a oportunidade de trabalhar como professora substituta durante um ano e meio.

Em 2006, prestei vestibular para Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A prova foi em Libras, o que foi ótimo para nós, surdos. Fui aprovada no vestibular. Lembro-me de aguardar o resultado muito ansiosa, mas muito feliz ao realizar a matrícula. Começaram as aulas e eu

conheci novos colegas surdos de várias cidades. Estudei um ano, mais ou menos, sempre viajei sozinha de Santa Rosa para Santa Maria, depois descobri que estava grávida, o que dificultou as viagens, com isso, decidi trancar a minha matrícula e depois perdi o curso de Letras Libras. No momento, estava o desejo de voltar a estudar, cursar uma graduação e, para isso, insistia para conseguir uma vaga de trabalho como monitora de Libras para uma aluna surda e alunos ouvintes na educação infantil e séries iniciais (inclusão escolar) e Atendimento Educacional Especial (AEE) na Escola Municipal Monteiro Lobato e Escola Municipal de Espírito Santo na Prefeitura Municipal de Horizontina, Rio Grande do Sul.

E, assim, consegui me inscrever no Curso de Pedagogia à distância pela Universidade Castelo Branco. Contudo, não tinha acessibilidade linguística. Era muito desafiador, pois eu sentia a necessidade do intérprete de Libras. Tinha, por exemplo, legenda nos vídeos, mas sem intérprete e eu não conseguia acompanhar as aulas. Eu realizava a leitura dos materiais didáticos, como livros e DVDs, para entender o conteúdo do Curso de Pedagogia e, assim, passaram-se três anos até eu me formar em Pedagogia, o que foi muito desafiador para mim. Posteriormente, realizei a especialização em Docência da Língua Brasileira de Sinais-Libras na Unintese.

Após, atuei como professora de Libras na Escola de Ensino Médio Concórdia para Surdos, na cidade de Santa Rosa. Eu ministrava a disciplina de Libras para as turmas da educação infantil ao ensino médio e classe aceleração (EJA) e o curso de Libras para ouvintes no níveis básicos e intermediários. Para mim, foi um período de muitos obstáculos e muitas aprendizagens.

Diante dessa experiência, o meu sonho persistia, que era o de cursar Letras Libras. Fiquei sabendo que teria um polo em Santa Rosa, inscrevi-me, realizei a prova em Libras e fui aprovada na seleção de candidatos para o Curso de Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no polo do Instituto Federal Farroupilha. Fiquei muito feliz por mais essa conquista. Foram mais quatro anos de muitos desafios e de muitos conhecimentos. Foi um momento de compartilhar informações e de ter contato com outros surdos de várias cidades do Rio Grande do Sul.

Nesse mesmo período, fui aprovada no processo seletivo para professor substituto para a disciplina de Libras, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Cerro Largo. Além disso, no decorrer desse tempo, várias foram as tentativas de ingressar em um Programa de Mestrado, tanto em instituições públicas quanto em privadas, até que passei no Programa de Pós-graduação de Mestrado em Letras, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul.

No mesmo período em que fui aprovada no Curso de Mestrado, fui aprovada, também, no concurso público para docente da IFPA, tendo que me mudar para morar em Belém durante a pandemia em 2020.

Iniciei meus estudos no Mestrado em Letras juntamente com colegas surdos e ouvintes, contando sempre com a presença de intérpretes de Libras. Considero que o maior desafio foi, novamente, o de ler os livros e os textos impressos na língua portuguesa e de buscar o significado das palavras com o uso do dicionário on-line para a compreensão da leitura. Além disso, o desafio de lutar e, também, de desenvolver a minha segunda língua na modalidade escrita, a língua portuguesa, de forma a ampliar os meus conhecimentos.

Posso dizer que muitos foram os momentos de aprendizado junto à professora orientadora, que aceitou o desafio de orientar esta pesquisa. Ainda em processo, reflito sobre o processo de pesquisar, sobre a minha dissertação, a produção da minha escrita, o de ler e escrever através de duas línguas e duas modalidades.

E ao finalizar esta introdução, neste estudo, trago como proposta de investigação compreender a produção da escrita acadêmica dos mestres e doutores surdos, buscando narrativas sobre o processo de escrita acadêmica. Desse modo, as perguntas de pesquisas que norteiam este fazer acadêmico são as seguintes:

- Quais são as estratégias de leitura e de escrita utilizadas pelos acadêmicos surdos no programa de pós-graduação?
- Quais são as dificuldades de compreender a leitura e produzir a escrita acadêmica em língua portuguesa como segunda língua?
- Quais as demandas dos acadêmicos surdos para os profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras?

Na pós-graduação, os acadêmicos surdos sentem falta de qualidade em suas produções escritas por problemas decorrentes da falta de compreensão leitora?

Diante dos poucos trabalhos que versam sobre a temática de pesquisa, a presente investigação se justifica na necessidade de produzir novos dados sobre as estratégias de produção acadêmica dos surdos. Esses dados poderão, acredita-se, auxiliar na organização de propostas de letramento acadêmico nas Instituições de Ensino Superior (IES), orientar o trabalho de TILS na tradução e revisão de produção escrita, entre outras possibilidades.

O que se tem, atualmente, são alguns estudos que partem, principalmente, de uma percepção do Tradutor Intérprete de Libras (TILSP)¹ sobre a produção textual dos surdos, a exemplo, David e Lebedeff (2021). Outro tipo de análise encontrada foi a de Pokorski (2010), que investigou a visão dos surdos sobre suas produções em trechos específicos de dissertações e teses, tais como agradecimentos, introduções, entre outros, nos quais os autores surdos narram, de maneira muito resumida, o processo de produção do texto. Todavia, há carência de estudos que contemplem diretamente a perspectiva surda, através de entrevistas que deem voz, de fato, à própria reflexão do surdo sobre o seu processo. Diante disso, o presente estudo é ora proposto.

É importante destacar, também, que este estudo se centra na necessidade de promover pesquisa com surdos, haja vista as dificuldades de escrita no que compete à modalidade da

¹ Tradutor Intérprete de Libras.

segunda língua, nesse caso, a língua portuguesa (LP), ainda mais necessária em relação à escrita acadêmica nos programas de pós-graduação de Mestrado e Doutorado das IES. Essas dificuldades estão, na maioria das vezes, relacionadas à segunda língua, pois a língua materna dos surdos é a língua de sinais, que muitas vezes é ensinada por pais ouvintes, e quando ensinada. Somado a isso, a necessidade, nem sempre contemplada, da aprendizagem do surdo a partir do ensino de língua portuguesa como L2, tanto na escola para surdos quanto nas escolas de inclusão, pois os professores, geralmente, desconhecem esse processo.

Meu ingresso na pós-graduação não foi fácil. Ao todo realizei sete provas, em todas eu fui reprovada. Nas provas do Programa de Pós Graduação e Mestrado em Políticas Públicas na Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) em Cerro Largo não tinha acessibilidade de Libras na prova. Havia apenas a presença de intérprete de Libras desde o início da prova para informações gerais. No Programa de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre, tinha intérprete de Libras durante a prova escrita e não tinha a tradução a leitura em Libras durante a prova.

Na UFPEL, na primeira fase de seleção, realizei a prova escrita, que teve duração de quatro horas. Fiquei preocupada na produção escrita para responder às questões (três perguntas). Após terminar a prova fiz a leitura em Libras do meu texto, que foi traduzido, simultaneamente, por uma Intérprete de Libras da Universidade. Na segunda fase de seleção ocorreu a apresentação do projeto de pesquisa e avaliação do Curriculum Vitae.

No início das aulas do programa de Pós-Graduação em Letras, procurei a sala de aula e encontrei com os colegas surdos do mestrado e doutorado, uma grande emoção. Foi muito importante poder compartilhar as temáticas da disciplina e discutir durante as aulas, recebi muitos materiais das disciplinas e discuti com meus colegas surdos.

Percebi na minha escrita indícios que me ajudaram a compreender como é a produção textual do texto acadêmico. É importante ler e escrever como uma prática da língua portuguesa na construção de dissertação. É possível ampliar o conhecimento no contexto acadêmico, e também reconhecer o gênero acadêmico.

Na produção do meu texto eu contei com o apoio da minha orientadora e contratei o acompanhamento de uma intérprete de Libras no correção do português e revisão textual e para a formatação da dissertação. Como estratégia de produção textual eu produzia o texto escrito e enviava, também, vídeos em Libras (anotações do texto que complementavam as ideias).

Tive que pagar particular pelos serviços de tradução, revisão e formatação porque a universidade não oferece horários de intérpretes para esses serviços. Foi um grande desafio desenvolver as estratégias da produção escrita na pós-graduação, bem diferente da escola, da graduação e da especialização. Me senti muito desafiada na desafiaram muito na qualificação desenvolver minha escrita acadêmica.

Outro fator que muito influenciou as dificuldades dos surdos é que, antigamente, os surdos eram oralizados por ouvintes a fim de aprenderem a escrita da língua portuguesa, dentro dos ditos “padrões dos ouvintes”. É claro, comparando os surdos entre eles, separando-os os que tiveram pais que no processo de ensino tinham conhecimento de Libras e os que não sabiam Libras, há ainda mais discrepância. Sobre essa situação, de acesso precoce à Língua de Sinais como um preditor para aquisição da leitura e escrita, Lebedeff (2004) cita Musselman (2000), que ressalta que o contato precoce com a língua de sinais favorece o desenvolvimento de estratégias cognitivas para a aquisição da leitura.

Portanto, diante disso, voltando a pensar essa experiência do letramento na escola e os reflexos dele na universidade, ao ingressar na Pós-Graduação em Letras, no Mestrado, por exemplo, com aulas ministradas em língua portuguesa, na escrita da dissertação o sentimento é de buscar ler e escrever utilizando palavras de um letramento adequado, ou seja, acadêmico e, a partir desse processo, conhecer as experiências de outros surdos na produção desses textos de nível mais avançado da língua.

O presente trabalho tem, como objetivo geral, compreender as estratégias de produção da escrita acadêmica de mestrandos e doutorandos surdos. E como objetivos específicos:

- Conhecer quais as estratégias de leitura e escrita que são utilizadas pelos acadêmicos surdos na pós-graduação;
- Compreender quais as demandas dos acadêmicos surdos para os profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras;
- Perceber quais são as dificuldades de compreender a leitura e produzir a escrita acadêmica em língua portuguesa como segunda língua.

2 Letramento, letramento acadêmico e a surdez

2.1 Letramento

Segundo Rojo (2004), o letramento é um processo de apropriação das práticas sociais de leitura e escrita, que considera o minimalismo de compreender o conceito de letramento como uma simples tarefa de reconhecer o alfabeto e as palavras de uma língua em específico. De acordo com Street (1984), letramento pode ser compreendido como práticas sociais e concepções de leitura e escrita que são desenvolvidas por cada sujeito de forma individual ou em grupos sociais.

O letramento é a prática de escrever, de ler, de reconhecer uma língua. Ao pensar sobre esse processo e na relação que um ouvinte e um surdo estabelecem dentro dessa prática, há algumas diferenças que devem ser consideradas. O ouvinte, por exemplo, é capaz de ouvir sons, barulhos, o que facilita, por exemplo, o acesso aos gêneros textuais apresentados na oralidade do cotidiano, através da televisão, rádio, telejornal e conversas com as pessoas ouvintes. Para o surdo, tudo acontece a partir do visual, da percepção visual-espacial. O surdo, ao ler, por exemplo, precisa fazer algumas conexões com o que está lendo, algo mais a fundo, a fim de conseguir colocar sentido no que está lendo. O ouvinte tem mais facilidade porque tem acesso à palavra falada, a um vocabulário, aos diferentes verbos e a produção do letramento acontece de forma mais fluida e rápida, diferentemente do surdo, para quem o processo de escrita acontece de formas mais devagar. Entretanto, ambos conseguem e são capazes.

O ponto máximo do letramento e que precisa ser destacado é a leitura. É preciso ler livros, ler pelo ato de ler, buscar informações. Nesse processo de leitura, o surdo pode encontrar palavras que não conhece e buscar no contexto seu significado. Outra estratégia interessante é a leitura de histórias, por exemplo, ler e depois contar de forma resumida, explorando essa criação, essa expressão linguística. Aqui, não só contar histórias para crianças, mas para adultos também. O contato com a língua portuguesa facilita essa prática. O surdo tem menos contato com a língua portuguesa, se comparado ao ouvinte que faz uso diário dela.

No que compete à escrita acadêmica, essa relação entre surdo e ouvinte com a produção escrita também é muito diferente. Isso vem desde a escola, pois estamos falando de bases linguísticas diferentes e, conseqüentemente, de processos diferentes de aquisição e uso. Quando se busca por um curso de pós-graduação, em que é exigido um grau mais profundo de leitura, conhecimento e escrita, essas diferenças ficam ainda mais evidentes, pois é preciso

buscar essas informações que ficam nas entrelinhas, nas nuances do texto e que muito acrescentam no produto final, que, nesse caso, é a interpretação do que foi lido. Embora a informação hoje chegue de forma mais rápida pelo computador, *tablet*, *facebook*, *instagram*, há uma troca de conhecimento mais acelerado. Com os surdos, essas ferramentas também muito contribuíram com a comunicação mais rápida, mais fluida. Contudo, se pensarmos na esfera acadêmica, ao realizar um mestrado ou um doutorado, o foco é diferente, é algo que exige muito mais.

Trago um pouco da minha experiência na escola em que eu era incentivada a ler, a ver/ler o dicionário, mas para mim, surda, só olhar a palavra e o significado no dicionário não tinha muito sentido, além de toda a variação linguística regional. O surdo busca muito pela parte visual, como ao assistir televisão, em que busca o intérprete de Libras e não a legenda com todas aquelas palavras. Ao ler a legenda, muito se perde na comunicação. Olhar para o intérprete, ali, naquele espaço, no canto da tela, é muito melhor. No entanto, pensando no letramento, é preciso buscar também esse contato com a língua escrita, fazer essas adaptações, principalmente no ensino superior, no momento da escrita de textos no letramento acadêmico.

Assim sendo, é de extrema importância desenvolver o letramento acadêmico, essa expressão escrita com mais foco, com diferentes olhares² e visões. É preciso essa evolução e desenvolvimento linguístico, pois, por exemplo, um curso de pós-graduação, como uma especialização, é algo inicial na caminhada, que permite um nível não tão profundo de leitura, mas o mestrado e o doutorado são níveis bem mais avançados e que exigem maior dedicação, leitura e aprofundamento. Nessa busca é normal errar, corrigir, rever, acertar. É algo que vamos semeando todo os dias. É uma planta que vai sendo cuidada. Ler, entender, ler, compreender; ver, imaginar esse mundo; modificar; entender, buscar as palavras – tudo isso é importante para o processo de letramento. É um mundo novo. É como o novo mundo digital, cheio de informações, e a leitura tem espaço principal nesse processo de letramento, desde a infância até o ensino superior.

De acordo com Soares (2004), a entrada da criança e também do adulto não alfabetizado no mundo da escrita ocorre simultaneamente por dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita (a alfabetização) e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (o letramento). Para a autora, letramento é o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com diferentes tipos e gêneros de textos, bem como com diferentes portadores de textos, ou seja, o letramento é a própria compreensão das funções da escrita.

² Os diferentes olhares que há em outra visão: a história da visão crítica, que seria o historicismo e a história cultural mista (Stroble, 2009, p. 30).

Com relação aos surdos, Pereira (2009) pontua que a aquisição da escrita é, muitas vezes, tardia, pois nesse processo o surdo lança mão de sua segunda língua, o que dificulta ainda mais o letramento pelos surdos e, muitas vezes, traz resultados insatisfatórios. Somado a isso, essa dificuldade pode ser acarretada pelo surdo que ainda não tem a Libras muito bem definida no que compete a aprendizagem, o que dificulta o processo de trabalhar com uma segunda língua (L2), no caso a língua portuguesa, pois não tem por base sua L1. É importante destacar, como aponta Quadros e Schmiedt (2006), que a língua portuguesa como segunda língua para os surdos decorre de sua aprendizagem a partir dos mesmos processos de aquisição de outras línguas.

Além de L1 e L2, o surdo enfrenta a aprendizagem do Português, que é em M2 - segunda. No Relatório Sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue (THOMA *et al.*, 2014), apresenta-se que a Língua Portuguesa assume o papel de segunda língua (L2) em uma segunda modalidade (M2) para os surdos, ou seja, além de ensinar uma segunda língua utilizando metodologia específica para o seu ensino, o ensino de línguas com modalidades diferentes (visual-espacial e oral-auditiva) exige desenvolver metodologia para o ensino na segunda modalidade. Alguns problemas são recorrentes na vida dos surdos, como aponta Guarinello (2009), como, por exemplo, as dificuldades em usar a língua escrita de modo efetivo e explorar os textos a que tem acesso. Somado a isso, como aponta Santana (2013), o acesso à cultura é ainda mais precário para os surdos. Para Lahire (1997), o contexto familiar é parte importante na apropriação da linguagem escrita pelo surdo, e a leitura e a expressão de forma linguística o conduzirá com mais facilidade ao sucesso escolar, mas só isso não garante êxito, pois é preciso demais fatores e reações que colaborem com esse desenvolvimento.

Diante disso, Lahire (1997) acrescenta, também, que as crianças que têm acesso a histórias desenvolvem com mais facilidade a escrita e, conseqüentemente, as estruturas textuais. Para Santana (2016), a necessidade de oralizar e alfabetizar não são garantia que o surdo será um leitor ou autor e, por vezes, a falta de incentivo com a leitura de textos em Libras distancia-o ainda mais de sua cultura. Ou seja, na ânsia de dar conta desse “mundo ouvinte”, o surdo perde, até mesmo, o seu próprio mundo, sua própria identidade.

Com isso, muitos estudos (QUADROS, 1997; SKLIAR, 1997; GUARINELLO, 2004) trazem evidências de que filhos de pais surdos são mais preparados para enfrentar a etapa escolar, a leitura e a escrita, já que foram alfabetizados em sua primeira língua. Esses surdos apresentam mais facilidade de partir de sua língua comum para aquisição de uma segunda língua, pois são expostos a uma língua comum com seus pais, ou seja, a língua de sinais. Svartholm (1999) complementa esse pensamento reafirmando que o surdo deve partir da

língua que já domina para buscar sua segunda língua, em sua forma escrita. Contudo, isso não lhes garante maior desempenho acadêmico quando entrarem no Ensino Superior.

Então, o surdo precisa se apropriar, conhecer, explorar, expressar e fazer uso da língua portuguesa, muitas vezes sem uma estrutura adequada de ensino, pois os professores de Português como L2 para surdos deveriam compreender o contexto de L2M2, o que nem sempre acontece. No ensino superior, essa construção acontece de forma mais aprofundada, em nível de mestrado e doutorado. No ensino superior é preciso ter clara a necessidade de apropriação das leituras, do material, da produção, estar em constante discussão, contar com tradutores e intérpretes de Libras durante o trabalho.

Se pensarmos no entorno e em todos os espaços a que o surdo tem acesso, a língua que é utilizada é a sua L2, nesse caso, a língua portuguesa, e nem sempre é possível ter acesso às muitas informações, porque há uma limitação do conhecimento sobre as palavras em língua portuguesa. Assim, é de extrema importância transitar entre essas duas línguas e pensar: na Libras eu uso dessa forma, como eu usaria na língua portuguesa?; ou, na língua portuguesa uso essa palavra, como usaria na Libras?

Somado a isso, é muito recente a entrada dos surdos no ensino superior e ainda mais recente pensar o surdo no espaço de pós-graduação no reconhecimento da Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos. Com uma população de mais de 10 milhões de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a lei deu maior visibilidade para a comunidade surda. No momento em que se busca por essa formação, é preciso estar preparado para a escrita acadêmica. Como tudo é muito novo para os surdos, algumas barreiras ainda são visíveis nesse espaço do ensino superior e nem sempre há profissionais que auxiliam na acessibilidade, como, por exemplo, os tradutores e intérpretes de Libras.

Um ponto importante de destacar é que após entrar nesses espaços de pós-graduação é muito válido ter contato com os profissionais tradutores e intérpretes de Libras a fim de entender como é o processo de tradução dos textos, como uma forma de ter acesso às estratégias utilizadas por eles no uso das duas línguas, que são colocadas ali, no papel. Isso varia muito de surdo para surdo, do que buscam, das leituras que fazem, se fazem. Tudo é uma questão de evolução linguística e reconhecimento das barreiras e de que é preciso um maior esforço e dedicação a fim de superá-las. É preciso e necessário reconhecer isso para se desenvolver e, assim, abrir-se, organizar-se e praticar a escrita acadêmica.

2.2 Letramento acadêmico

O letramento acadêmico é um passo mais adiante, em específico, pois é como um desafio para o surdo. De acordo com Barton (1994), o letramento acadêmico traz formas diferenciadas para a escolarização, a partir das práticas sociais tecnologicamente mais sofisticadas, em comunidades mais escolarizadas. Vale destacar que o conceito de letramento acadêmico foi desenvolvido dentro da área dos Novos Estudos do Letramento e proposto por Street (1984), Barton (1994), Barton e Hamilton (1998) e Gee (1996).

Para Fischer (2007), para o estudante, ao ingressar na Educação Superior, que é o momento em que fará uso desse letramento mais específico, o bom seria que já entrasse nesse meio acadêmico tendo conhecimento e domínio, se assim pode ser dito, desse letramento específico. Para Oliveira (2009), o letramento acadêmico se constitui de formas diferenciadas para a escolarização a partir de práticas sociais tecnologicamente mais sofisticadas em comunidades mais escolarizadas.

Ainda de acordo com Oliveira (2009), a universidade é um espaço de produção e sistematização do conhecimento em que se tem acesso a textos diferentes daqueles que circulam na sociedade. De acordo com Lea e Street (1998), o estudante do Ensino Superior, no momento da escrita, desperta três perspectivas: o modelo dos estudos das habilidades, que são as habilidades individuais e cognitivas do estudante para colocar em prática no contexto da Universidade; o modelo da socialização acadêmica, em que o professor que conduz o aluno dentro desse espaço da Universidade com competências de falar, interpretar, entre outras competências; e o modelo do letramento acadêmico, que faz parte dos Novos Estudos do Letramento e reconhece o letramento como práticas sociais influenciadas por vários setores da instituição acadêmica.

Desse modo, o estudante universitário, ao entrar no espaço acadêmico, tem contato com um gênero discursivo novo, diferente daquele que ele conhecia, vendo-se, assim, diante de um desafio, do qual emerge a proposta deste estudo: o de investigar as estratégias utilizadas por surdos no processo de produção do texto acadêmico.

De acordo com o Censo de 2015, considerando o período de 2010 a 2015, o número de estudantes na universidade com deficiência auditiva aumentou cerca de 20,76% e os estudantes surdos em 35%. Algumas hipóteses para esse aumento são referentes às políticas públicas de inclusão que garantem o TILS em sala de aula e a correção diferenciada de provas no tocante à escrita em Português.

Santana e Stolsky (2014) compreendem por letramento acadêmico a facilidade de transitar entre os diferentes gêneros textuais da academia, como, por exemplo, artigos,

resenhas, monografias, relatórios, entre outros. Entretanto, isso, de fato, não acontece, haja vista que muitos universitários têm nessa questão o seu ponto fraco, que precisa ser trabalhado, embora esse sujeito já esteja inserido no meio acadêmico. De acordo com pesquisas propostas pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2016), 4% dos universitários são analfabetos funcionais e 96% são alfabetizados. Dentre esses 96%, 32% estão no nível elementar, 42% no nível intermediário e 22% proficiente.

Para Oliveira (2009), as dificuldades dos surdos em relação às questões da linguagem escrita são trazidas por alguns estudos, como Góes (1999), Silva (1999), Antia, Reed e Kreimeyer (2005), e estão diretamente ligadas à sintaxe e às estruturas lexicais. No entanto, como forma de driblar essas limitações, a leitura é uma ótima opção. Ainda de acordo com Oliveira (2009), a partir de uma pesquisa sobre a prática de leitura, os dados apontam que 90% dos surdos dizem ler com frequência, considerando desses 90% que 60% leem diariamente, 25% semanalmente, 10% lêem quando necessário e só 5% afirmam não ler. Para Ribeiro (2004), o hábito da leitura está ligado às condições de letramento dos surdos, quando colocado em prática no âmbito universitário, além, também, de ser possível relacionar essa falta de leitura às dificuldades relacionadas à prática de produção textual, como aponta Bakhtin (1979).

Por isso, é o fato da maioria dos surdos não terem domínio da Língua Portuguesa, já que este é um aspecto relevante para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. A importância de um trabalho de letramento desde a escola fundamental até a universidade que envolva práticas nos mais diversos tipos de gêneros, o contexto universitário que universitários surdos devem ao uso de práticas de leitura e de escrita (textos acadêmicos, relatórios, provas, livros didáticos).

2.3 Pesquisas sobre letramento acadêmico de estudantes surdos

Nesta seção serão apresentados estudos que dialogam com a proposta de tema desta dissertação. Contudo, somente trazer essas produções sem tangenciar a dificuldade na escrita desses textos acadêmicos é negar todo o processo, haja vista que o surdo deve abrir mão de sua L1, a Libras, a fim de produzir seus textos em sua L2, nesse caso a língua portuguesa, contando, na maioria das vezes, com o trabalho de um profissional da interpretação/tradução de/para Libras.

Foi realizada uma pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES contemplando o período de 1998, ano em que ocorreu a primeira defesa de Mestrado de uma acadêmica surda no Brasil, Gládis Perlin (1998), até o ano de 2021. Somado a esse recorte temporal, a busca

foi realizada a partir das seguintes palavras-chave: “produção da escrita acadêmica” e “mestrados e doutorandos surdos”. E, assim, foram encontrados os seguintes trabalhos: uma Tese, uma Dissertação, 14 artigos e um TCC. A seguir, no Quadro 1, estão as produções acadêmicas contendo título dos trabalhos, autores, ano e categoria, sendo essa última a modalidade de publicação.

Quadro 1 - Trabalhos selecionados na revisão bibliográfica

Título	Autor	Ano	Tipo de trabalho
Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de Mestrado sobre a escrita	Debora Carvalho Figueiredo Adair Bonini	2006	Artigo
Surdez e Letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis	Ana Cristina Guarinello Ana Paula Berberian Ana Paula de Oliveira Santana Kyrlian Bartira Bortolozzi Simone Schemberg Luciana Cabral Figueiredo	2009	Artigo
Letramento acadêmico: breve análise dos conflitos que emergem no uso de resenhas por parte de alunos ingressantes no domínio acadêmico.	Eliane Feitoza Oliveira	2009	Artigo
Minha vida, duas línguas: Um estudo sobre as experiências de Surdos com a escrita acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS	Juliana de Oliveira Pokorski	2010	TCC
Estudantes surdos no ensino superior: Reflexões sobre a inclusão	Claudia Alquati Bisol; Carla Beatris Valentini; Janaína Lazzarotto Simioni; Jaqueline Zanchin	2010	Artigo
Letramento acadêmico de surdos universitários: avaliação de leitura	Vanessa de Oliveira Dagostim	2013	Artigo
O processo de construção do letramento acadêmico em língua portuguesa por surdos universitários	Vanessa de Oliveira Dagostim	2014	Tese
Tradução de LIBRAS para português de textos acadêmicos: Considerações sobre a prática	Natália Schleder Rigo	2015	Artigo
Novas tecnologias na produção de monografias em Libras com alunos do INES: língua de sinais, performance surda e o uso do vídeo digital	Luiz Alexandre da Silva Rosado Cristiane Correia Taveira Glauber de Souza Lemos Maria de Fátima dos Santos Furriel	2015	Capítulo de livro
Título	Autor	Ano	Tipo de trabalho
Letramento Acadêmico para surdos: Reflexões Contemporâneas	Maria Clara Maciel de A. Ribeiro	2016	Artigo
Políticas de Educação Bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior	Sueli Fernandes; Laura Ceretta Moreira	2017	Artigo
Tradução de Libras no ensino superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos na Universidade Federal do Paraná	Sueli Fernandes Jonatas Medeiros	2017	Artigo
Mestres e doutores surdos: Sobre a Crescente Formação Especializada de Pessoas Surdas no Brasil	Myrna Salerno Monteiro	2018	Artigo
Tradução e Letramento Acadêmico: uma proposta metodológica do processo tradutório do par	Jonatas Rodrigues Medeiros	2018	Artigo

linguístico língua portuguesa/LIBRAS			
Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise	Rodrigo Custódio da Silva	2019	Dissertação
Comparação da normatização da produção acadêmica em LIBRAS entre UFSC e INES	Alexandre Bet da Rosa Cardoso; Tatiana Bolivar Lebedeff	2020	Resumo Expandido
Letramento de surdos universitários no Brasil: o bilinguismo em questão	Aline Olin Goulart Darde Ana Paula de Oliveira Santana	2021	Artigo
Análise tradutória de textos acadêmicos produzidos por estudantes surdos a partir da perspectiva dos diferentes níveis linguísticos. Níveis linguísticos categorizados pelo QCER	Paula Penteado De David e Tatiana Bolivar Lebedeff	2021	Artigo

Fonte: Elaboração da autora.

A partir do Quadro 1, a seguir, serão apresentados recortes dos trabalhos citados a fim de explorar o conteúdo que eles apresentam e que se entrelaçam nesta proposta de investigação.

Figueiredo e Bonini (2006) apresentam um relato de experiências sobre a produção textual de professores da pós-graduação e constata as dificuldades dos surdos em entrar em Programas de Pós-Graduação, reconhecer os diferentes gêneros textuais, refletir sobre suas produções e reconhecer as diferentes formas de letramento e textos, destacando a importância do letramento e da produção textual na academia. Guarinello *et al.* (2009) pontuam sobre a educação dos surdos visando o importante processo de leitura e escrita e as dificuldades enfrentadas pelos surdos no letramento acadêmico em função do acesso à língua de sinais e, posteriormente, à língua portuguesa, além de refletirem, também, sobre a habilidade de leitura dos diferentes gêneros que o surdo deve ter acesso.

Oliveira (2009) traz no seu estudo o foco voltado ao letramento acadêmico. Além disso, a autora faz uma análise através de trabalhos acadêmicos de alunos surdos sobre o gênero resenha, olha para as práticas sociais que envolvem leitura e escrita e discute sobre os dois modelos de letramento: modelo ideológico e modelo autônomo, levando em consideração outros três modelos: modelo dos estudos das habilidades, da socialização acadêmica e do letramento acadêmico.

A produção acadêmica de Bisol *et al.* (2010) apresenta as dificuldades na gravação de entrevistas em vídeos e os processos de tradução para a língua portuguesa, bem como os processos de adaptação dos surdos com a vida acadêmica e a experiência vivida, também, pelos intérpretes de Libras nesse espaço de atuação. E, por último, mas não menos importante, apresenta os surdos dentro de um contexto ouvinte, falando sobre suas vivências.

Pokorski (2010) traz um estudo bastante detalhado sobre a escrita do surdo, a partir da língua portuguesa como segunda língua. O autor traz conceitos sobre leitura e escrita acadêmica a partir de trabalhos com a experiência do uso da língua portuguesa, as

dificuldades e resistência por parte do surdo em usar a segunda língua, a produção do texto em língua portuguesa e língua inglesa, o papel do intérprete de Libras nesse processo de escrita, bem como os processos do surdo nessa caminhada acadêmica no que compete a produção escrita. Dagostim (2013) também aborda sobre o letramento acadêmico e a leitura dos surdos na universidade. A partir de um ambiente virtual de aprendizagem de leitura, o autor analisa os dados coletados, bem como as estratégias utilizadas pelos surdos para construir sentido na produção escrita.

Ribeiro (2016) apresenta temas caros à vida do surdo, principalmente aqueles surdos mestres e doutores que buscam a formação. Dentro do que a autora se propõe a estudar estão: a melhoria da educação básica, a ampliação do ensino superior, as políticas voltadas à comunidade surda, a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais no âmbito acadêmico, o relato dos Pós-graduandos surdos sobre a universidade, bem como os dados de acesso desses sujeitos ao Ensino Superior. Sobre esse viés histórico, o estudo de Fernandes e Moreira (2017) apresenta a caminhada dos estudantes surdos no ingresso à universidade, um olhar atento para a produção em Libras e língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita, dentro da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além disso, pontua sobre as dificuldades de leitura e escrita desses surdos e os processos de edição dos vídeos em Libras dentro dos gêneros textuais.

Fernandes e Medeiros (2017) debruçam-se a pesquisar sobre os processos de tradução em Língua de Sinais dos trabalhos de dissertação e tese. Com o estudo, destacaram a tradução em língua de sinais e seu aspecto visual, além dos aspectos tecnológicos. As dificuldades dos surdos no processo de letramento e as dificuldades de ler e compreender diferentes gêneros textuais também foram discutidas, considerando a importância dos gêneros discursivos para a produção dos verbais na academia, bem como a importância das normas no processo de tradução de textos acadêmicos e para o registro do vídeo em Libras.

Monteiro (2017) destaca no seu estudo os surdos da pós-graduação no que compete a forma de ingresso no ensino superior e na pós-graduação, a valorização da formação acadêmica e as pesquisas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação entre o ano de 2016 até 2017. A partir de tabelas e gráficos, o autor também apresenta os alunos que concluíram os cursos de Mestrado e Doutorado.

Medeiros (2015) investigou a necessidade de materiais traduzidos para alunos surdos de pós-graduação, visando oportunizar diferentes gêneros textuais acadêmicos nesse grau de ensino. Além disso, trouxe questões relacionadas a pensar sobre os estudos do letramento bilíngue, a tradução de trabalhos científicos para a Libras e os recursos visuais no letramento bilíngue. Nesse mesmo viés, Silva (2019), em seu estudo, comenta aspectos específicos do

uso da prova em Libras com materiais em Libras e através de vídeos e, em especial, analisa a prova do vestibular da UFSC. Além disso, analisa os aspectos da prova de nível acadêmico, fundamentando a importância do uso de gêneros textuais a partir das teorias de Bakhtin e Marcuschi. Outro aspecto de destaque são os formatos que a Libras assume quando apresentada a partir de vídeos, avatares ou, até mesmo, a Libras na modalidade escrita e tátil.

Taveira *et al.* (2015) apresentam as monografias produzidas em Libras pelos alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), evidenciando o trabalho com o uso de vídeo em Língua de Sinais como forma de publicação. O trabalho de Cardoso e Lebedeff (2020) discute as normas da produção acadêmica em Língua Brasileira de Sinais dos trabalhos propostos por estudantes de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Os autores apresentam o uso das tecnologias para fins de registro de vídeo em Libras no que compete ao meio acadêmico, e, por último, as informações sobre como acontece essa produção científica de registro através de vídeos em Libras nas duas instituições pesquisadas.

Darde e Santana (2021) apresentam as significativas mudanças do Ensino Superior por meio de políticas de inclusão para os surdos. Além disso, pontuam sobre os estudos que trazem o letramento surdo universitário e o processo de escrita na universidade como foco de pesquisa.

No que compete à produção de Rigo (2015), são apresentados os olhares sobre a tradução dos textos acadêmicos em Libras, bem como os registros em vídeo desse material. Também sobre a tradução, David e Lebedeff (2021) analisam a produção escrita de alunos surdos de pós-graduação e os diferentes processos de tradução envolvidos nesse fazer acadêmico.

Nesse momento, dando por encerrada a breve explanação sobre os trabalhos apresentados no Quadro 1, a seguir, na seção seguinte, serão discutidos temas que também se somam ao que é ora proposto, entrelaçando-se nesse fazer acadêmico.

3 A educação superior: desafios e produções

Marques e Oliveira (2012) argumentam a necessidade de se pensar as produções de vídeos em Língua de Sinais como uma proposta de modalidade de escrita disponível às pessoas surdas. Vale destacar que muito se tem dessas articulações do uso da língua a partir da Lei de Libras, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. No contexto universitário, os ganhos também foram significativos no que compete às formas de expressões linguísticas. Quando utilizado esse recurso, de acordo com Oliveira e Marques (2014), a expressão do pensamento original da pessoa surda é organizada e apresentada a partir do uso de vídeo, reconhecendo-o como um instrumento político-social a fim de viabilizar a expressão, argumentação e a inclusão social dessas pessoas.

Entretanto, são nos diferentes níveis de escolarização que o estudante surdo transita e tem acesso a essas diferentes formas de aquisição e uso linguísticos. Na educação básica, de abordagem bilíngue, por exemplo, ele desenvolve a língua portuguesa como segunda língua, a partir da língua de sinais, contando, por vezes, com o profissional tradutor/intérprete de Libras para intermediar a comunicação com os demais estudantes da escola (BRASIL, 2005). No ensino superior, o nível de exigência aumenta e esse surdo é convidado a experienciar outro tipo de relação com o texto, que é buscar o entendimento nas entrelinhas. Mas, como já comentado, a aprendizagem do português, como L2, para os surdos ainda não é uma realidade em nosso país.

No Brasil, alguns estudos já foram propostos utilizando o videossinalizado como recurso, como a dissertação³ e tese⁴ de Nelson Pimenta de Castro (2012), acadêmico surdo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao finalizar o mestrado. Além da dissertação de Castro (2012), vale registrar, também, a dissertação da acadêmica de mestrado Fernanda de Araújo Machado (2013), que também publicou sua tese de doutorado em Libras. Ou seja, sobre os artigos científicos em Libras, enquanto gênero da esfera acadêmica, trata-se de um importante passo para fortalecer os meios de publicação nesse formato, bem como as políticas linguísticas tão necessárias para a área. Sobre isso, Silva (2017, p. 116) observa que:

A partir da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/20059 os direitos linguísticos dos surdos brasileiros passaram a ser reconhecidos e valorizados, sobretudo na área de educação e nas políticas de acesso à comunicação e ao conhecimento. Outra lei que vale destacar, importante atualmente para a consolidação das novas políticas linguísticas das comunidades surdas, publicada em 2015, é a Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146, que incentiva a produção de artigos científicos acessíveis, incluindo o uso da Libras em sua construção e publicação. De acordo com o artigo 68, § 3º da Lei: “O poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras”. Esse fato é um passo fundamental nas políticas linguísticas da Libras no Brasil. Diante da legislação

3 <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100721>

4 <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204538>

que apresenta uma política linguística favorável à língua de sinais, várias ações estão sendo desencadeadas em relação a esta língua.

Corroborando com esse pensamento, Silva (2017) ressalta que as produções acadêmicas com textos em Libras estão sendo disponibilizadas de forma bastante recorrente, principalmente, no âmbito da internet, favorecendo a ampliação e o reconhecimento dessa modalidade de uso da língua como um novo gênero textual:

A utilização abrangente da língua de sinais vem gradualmente construindo novos espaços: escolares, acadêmicos, empresariais, jurídicos, etc. É natural cada espaço desenvolver um gênero textual de acordo com as características do contexto em que a língua é usada. A construção desses novos gêneros textuais amplia as possibilidades e uso da Libras e, conseqüentemente, passa a contemplar novas formas de comunicação, novos usuários e novos horizontes (SILVA, 2017, p. 118).

A Figura 1, a seguir, ilustra as regras a serem seguidas para um artigo científico em Libras, na Universidade Federal de Catarina (UFSC).



Figura 1 - Regras para um artigo científico em Libras.
Fonte: [Revista Brasileira de Vídeo-registros em Libras](#).

O objetivo da UFSC é o de publicizar as produções acadêmicas em Língua de Sinais pelos Programas de Pós-Graduação em Mestrado de modo que os acadêmicos surdos possam publicar os artigos científicos, monografias, dissertações e teses pela apresentação em vídeo em Libras. Para Rigo (2015), trata-se de uma necessidade de expressão do pensamento do surdo, o que vai muito além de um simples processo de pura tradução ou adaptação linguística. É uma questão linguística de valorização da expressão primeira da língua de sinais com o uso da Libras.

Somado a questão da língua, dentro do espaço acadêmico, há outra barreira bastante significativa para o surdo, que é a avaliação, que se trata de um processo importante e, muitas vezes, insubstituível, de acordo com a metodologia adotada por cada professor. Diante disso,

Fernandes (2011) discute as dificuldades de muitos surdos nesses processos avaliativos, que compete a prática de leitura e escrita em língua portuguesa e que, por diferentes razões, marginaliza-os e exclui. Diante disso, Souza e Basseto (2014) argumentam sobre a necessidade de se pensar as convenções comunicativas/pragmáticas do discurso, possibilitando ao estudante ler/compreender e produzir diferentes gêneros textuais.

Ao falar desses diferentes gêneros e formas de expressão, Bakhtin (2011) pontua que as interações verbais no espaço acadêmico são de extrema importância, pois facilitam, também, a produção desses gêneros. Com o uso da Libras, essa questão não é diferente, haja vista que a Libras se constitui como fonte de enunciação e, a partir dela, temos a reflexão/ação/comunicação pelos envolvidos nesse discurso, sejam eles estudantes ou pesquisadores.

No que compete à parte escrita, as normas técnicas que regem a oficialização das produções seguem a partir da Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras⁵, respaldada pela ABNT, que estabelece regras para produções acadêmicas em videolibras. Para Marques e Oliveira (2012), trata-se de um recurso que consolida e divulga as produções acadêmicas dos surdos, que respeitam a língua de produção inicial e a língua em sua modalidade visual-espacial.

A Figura 2 mostra o site da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras:



Figura 2 - Site da Revista Brasileira Vídeo Registro em Libras.
Fonte: [Marques](#) (2012, p. 5).

Compreender a educação dos surdos a partir da relação de duas línguas e duas modalidades também é uma forma de reconhecer a sua identidade, olhando, também, para a língua, cultura e experiência visual (STROBEL, 2008, 2009; PERLIN, 1998). Muito do que

⁵ Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras.

se tem sobre essa identidade surda está relacionada às narrativas identitárias desses sujeitos, diante da busca pela inclusão educacional nas duas últimas décadas. Somado a isso,

Os intelectuais surdos Perlin e Miranda definem que o critério utilizado para identificação da “pessoa” surda tem como campo de significação a cultura surda e a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação. A cultura surda é representada não apenas pelo uso da língua de sinais, mas também por um modo de se expressar, conhecer o mundo, produzir artes e conhecimento a partir da experiência visual. (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

Para Skliar (1997), as conquistas dos movimentos surdos, oficializadas por meio de leis, foram transformando as relações sociais e escolares, principalmente em relação às concepções a respeito do território da Educação Especial. Com isso, também se é convidado a(re)pensar os contextos bilíngues, em que coexistem duas (ou mais) línguas, olhando para um contexto de educação formal, em que uma das línguas é rebaixada ao uso de tão e somente utilizada em situações cotidianas informais, em função do seu status social de um dito padrão que compete a comunidade de fala (CALVET, 2007).

Com isso, algumas lacunas marcam esse processo e Fernandes (2014) pontua sobre as dificuldades e lacunas que ocorrem no processo de alfabetização/letramento dos surdos, tanto no que tange a leitura e a escrita em língua portuguesa quanto, posteriormente, no que compete a vivência e acesso aos gêneros textuais. Para Souza e Bassetto (2014), a participação ativa e efetiva no meio acadêmico possibilita transitar de forma mais leve entre os diferentes tipos de gêneros textuais, mas para os estudantes surdos esse processo pode ser um pouco mais difícil, haja vista os diferentes usos da linguagem de cada gênero, bem como a proposta de cada um deles. Esse fato pode estar relacionado à falta de interação verbal, pois utilizando os gêneros, como aponta Fernandes (2003, 2006, 2014), os surdos são muito visuais, o que auxilia em todo o processo de compreensão, mas, por vezes, isso não é explorado em muitos dos gêneros textuais.

No entanto, atualmente, muitos surdos mestres e doutores provam que, embora tenham algumas limitações linguísticas, não existem mais dúvidas quanto às capacidades cognitivas dos surdos ou qualquer outro tipo de questionamento sobre a sobreposição das línguas envolvidas na caminhada desses sujeitos, conforme aponta Ribeiro (2012).

Para Ribeiro e Lara (2010), existem diferenças linguísticas e assistencialistas de compreensão da surdez. Na assistencialista, os surdos eram compreendidos como incapacitados e eram oprimidos. Já a diferença linguística tem a ver com a compreensão do surdo como usuário de uma língua visuoespacial. Somado a isso, para Ribeiro e Lara (2010), essas diferenças linguísticas e assistencialistas ainda não podem ser descartadas, mas muito já se evoluiu desde a chegada dos surdos no ambiente acadêmico. Para Ribeiro (2008), por exemplo, ocorreram algumas mudanças: a melhoria da educação básica oferecida aos surdos;

a expansão do ensino superior; a politização das comunidades surdas; e o reconhecimento acadêmico científico da Língua Brasileira de Sinais, seguido de sua regulamentação legislativa em âmbito nacional.

Nas mudanças históricas promovidas pela influência da lei da Libras na escola e pela presença dos surdos na universidade, intérpretes/tradutores de Libras e as famílias apresentaram os movimentos sociais pelo empoderamento dos surdos, no que diz respeito à cultura e identidade surda e ao uso das línguas na comunidade surda no Brasil.

Ainda nessa mesma concepção do surdo no meio acadêmico, Vilhalva (2010, p. 02) também reconhece que muito já foi realizado, conforme o Gráfico 1, em que a autora demonstra que muitos surdos tiveram acesso aos Programas de Pós-Graduação a partir da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005. Trata-se de um crescimento significativo, principalmente no ano de 2010, o que pode ser observado no Gráfico 1.



Gráfico 1 - Surdos em Programas de Pós-Graduação.
Fonte: Vilhalva (2010, p. 2).

O Gráfico 1 refere-se às informações disponíveis até o ano de 2010. Com esta pesquisa, atualizar os dados, contemplando um período que compete ao ano de 2010 até 2021, pode ser de extrema importância a fim de buscar informações referentes ao acesso e permanência dos surdos nos espaços acadêmicos em nível de pós-graduação.

No entanto, para Ribeiro (2012), é preciso muito mais do que somente o acesso a esses programas, mas se faz necessário que professores de pós-graduandos surdos também possibilitem acesso a um certo grau de letramento acadêmico a esses sujeitos. Não basta somente produzir Trabalhos de Conclusão de Curso em Libras, é preciso “[...] os sujeitos dominarem cada vez mais a Língua Portuguesa padrão na modalidade escrita tanto para ter acesso ao patrimônio intelectual produzido nesta língua quanto para contribuir com ele” (RIBEIRO, 2012). Além disso, o autor comenta que os trabalhos de finalização de curso

também possam ser elaborados e publicados em Libras, disponibilizando-os por meio de vídeos, com produção dos próprios surdos.

Esses avanços possibilitaram e continuam a possibilitar que surdos concluam Mestrado e/ou Doutorado. Para Rosas (2015, p. 8):

A universidade, quando não abre suas portas para estes acadêmicos e para pesquisas envolvendo a Libras, nega o direito linguístico de uma vertente social que, apesar de presente cotidianamente na sociedade, ainda tem suas possibilidades negadas por preconceitos e pré-conceitos sociais.

De acordo com Pokorski (2010), essa abertura de oportunidades possibilitou que pessoas surdas, no Brasil, tivessem acesso a uma educação de diferentes níveis, como, por exemplo, a surda Gladis Teresinha Taschetto Perlin, que concluiu no ano de 1998 seu mestrado e em 2003 o doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Para a autora, a diferença, nesse sentido, não precisa ser um empecilho, mas uma possibilidade diferente de acesso ao conhecimento socialmente produzido que gera, por isso mesmo, a necessidade de disponibilizar esse acesso em diferentes formatos. De acordo com Duschatzky e Skliar (2001, p. 137):

Será impossível a tarefa de educar na diferença? Felizmente, é impossível educar se acreditamos que isto implica formatar por completo a alteridade, ou regular sem resistência alguma, o pensamento, a língua e a sensibilidade. Porém, parece atraente, pelo menos não para poucos, imaginar o ato de educar como uma colocação, à disposição do outro, de tudo aquilo que lhe possibilite ser distinto do que é, em algum aspecto. Uma educação que aposte em um itinerário plural e criativo, sem regras rígidas que definem os horizontes de possibilidades.

Não se trata de algo simples, mas que muito custa, diante de várias dificuldades, como, por exemplo, enfrentar as barreiras da língua portuguesa como segunda língua. Perlin (1998) fala sobre isso em um dos momentos de sua escrita no texto:

Quero aproveitar o momento para dizer que o texto presente não deve ser lido a partir de exigências gramaticais muito rígidas mas, sim, respeitando o meu esforço, sem ter escolha, em tentar escrever uma dissertação dentro de uma língua que não me pertence. Sou surda, minha língua é a de sinais, meus pensamentos não correspondem à lógica do português falado e escrito. (PERLIN, 1998, p. 10).

Nesse processo, o Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais tem papel crucial de produzir sentido e transitar em ambas as línguas, como pontua Reichert (2006). Para Stumpf (2005), o intérprete tem papel importante nesse processo de escrita, o que torna ainda mais necessário falar da qualidade desses profissionais que dão voz aos surdos, ou, nesse caso, muitas linhas de expressão linguística, diante de uma academia que teoricamente não aceitaria uma escrita “puramente surda”.

O intérprete ou o tradutor, de qualquer língua, tem um grande poder em suas mãos. Ele é responsável pela qualidade da comunicação. Os surdos precisam que esses

profissionais sejam bem qualificados, por cursos específicos que se estruturam, associados a alguma comunidade surda idônea, isto para que o conhecimento que tem da língua de sinais seja autêntico e para que esse profissional possa inserir-se na comunidade surda e conhecer sua cultura. (STUMPF, 2005, p. 24 *apud* POKORSKI, 2010, p. 25).

Miranda (2001) relata sobre sua produção linguística, dentro dessa mesma concepção de língua e necessidade, como trazida por Perlin (1998):

A escrita original deste trabalho possui forte influência da minha estrutura de língua. Por isto, o texto foi 'traduzido' para o português oficial por uma pessoa ouvinte. Mas julgamos necessário, enquanto pesquisadores, discutir melhor esta questão. O surdo tem um jeito próprio que difere do jeito do ouvinte, mas nossos textos necessitam ser sempre redigidos em uma língua que não é a nossa. O mais importante é poder mostrar o sentido de nossas pesquisas, seja de que forma for e esta discussão deve ser levantada (MIRANDA 2001, p. 8 *apud* POKORSKI, 2010, p. 25).

Para Pokorski (2010), essa visão de língua e pertencimento também é importante na escrita. A autora cita Cláudio (2010) para evidenciar a importância da interação linguística para o sentimento de pertencimento:

[...] a minha orientadora conhece a minha língua, Libras, isso facilita a nossa comunicação. Os intérpretes estavam presentes em todas as disciplinas em que me matriculei, tornando possível o acompanhamento, a participação, valorização de meus estudos e a ampliação de horizontes. A prova de seleção que fiz para entrar no mestrado, na primeira fase foi escrita em português e na segunda fase fui entrevistada por professores com a mediação de um intérprete de Libras. Tive uma disciplina de Estudos Surdos, em uma turma mista: ouvintes e surdos. Um intérprete realizava a mediação para os surdos e também para aqueles que não conheciam Libras. Em todos os encontros os colegas mostraram interesse em conhecer a comunidade surda e em ampliar a comunicação. (CLÁUDIO, 2010, p. 18).

Percebe-se que o mestrado e o doutorado para o surdo, como comenta Pokorski(2010), vai além de um nível acadêmico, é uma forma de luta. A autora complementa com um excerto de Miranda (2001, p. 11):

Sinto-me orientado pelo interesse em demonstrar pela pesquisa o valor do movimento da comunidade surda. Há outros campos aos quais poderia me dedicar, mas com minha pertença a uma comunidade, a um grupo específico também, logicamente, tenderia a uma pesquisa redundante. Daí que o tema em pesquisa tem suscitado muitas indagações e buscas, acabando em canalizar-se mediante meus estudos teóricos e minhas possibilidades de acadêmico surdo.

Portanto, para Pokorski (2010), as produções surdas trazem marcas que devem ser consideradas, principalmente nessa relação entre surdo e a escrita em língua portuguesa. Somado a isso, segundo a autora, só é possível pensar essa escrita escutando suas vivências e experiências acadêmicas, o que o presente trabalho se propõe a investigar.

Monteiro (2017, 2022) realizou uma primeira pesquisa de dados de formação que foi publicada em 2017. A publicação mais recente (MONTEIRO, 2022) apresenta informações atualizadas, referentes ao período compreendido entre março de 2017 e dezembro de 2021.

É importante atualizar o levantamento de dados de formação de mestres e doutores para compreender o processo de inserção de pessoas surdas na pós-graduação, bem como analisar as áreas de preferência e temáticas de pesquisa. A análise desse tipo de dados pode contribuir na proposição de políticas públicas que garantam o acesso e permanência dos surdos na pós-graduação.

A presença de surdos em cursos de pós-graduação (*stricto sensu*) é vital para que se produza conhecimento sobre a surdez e sobre a educação de pessoas dessa comunidade, contribuindo para a escolarização e a melhora na qualidade de ensino ofertado. Além de valorizar a língua de sinais, a produção acadêmica proveniente desses pesquisadores permite que se articule ideias e informações fundamentais para a melhora do aprendizado de Libras, para a valorização da cultura surda e para representatividade de cidadãos surdos brasileiros (MONTEIRO, 2022).

Conforme Monteiro (2022), o ingresso de pessoas surdas nos cursos de mestrado e doutorado – ou seja, ao coração da produção e disseminação de conhecimento acadêmico – é uma conquista recente, dos últimos 25 anos. Não havia, nas décadas de 1980 e 1990, professores surdos atuando em universidades públicas e privadas.

O ingresso dos surdos no ensino superior contribui para demonstrar a capacidade de aprendizado e de produção de conhecimento via produção acadêmica. Muitas pesquisas de pós-graduandos surdos colaboraram na difusão da cultura surda, no respeito a língua de sinais e na compreensão de uma subjetividade e identidade surdas.

Em 24 de abril de 2022, o Brasil vai comemorar 20 anos da sanção da Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão dos surdos. Em 2005, um decreto presidencial tornou obrigatória a inclusão de disciplina que ensina Libras em todos os cursos de formação de professores – Pedagogia, Educação Especial e todas as licenciaturas.

Além disso, o decreto obrigou os cursos de bacharelado a oferecer a disciplina como optativa. No ano seguinte, foi criado, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com outras nove instituições de ensino superior públicas, o primeiro curso de licenciatura em Letras-Libras (MONTEIRO, 2022), o que ampliou de maneira impressionante o número de surdos no ensino superior.

Conforme Monteiro (2022), as conquistas ao longo das últimas décadas foram acompanhadas da contratação de intérpretes em muitas universidades e do ingresso de surdos como professores de nível superior. Passou-se, então, a ter registros do crescente do número de surdos que ingressaram na pós-graduação e de sua respectiva produção acadêmica.

Os registros da história ao longo dos anos mostram as lutas e as conquistas para a contratação de intérprete de Libras nas universidades. Os surdos ingressaram no ensino superior e, ao continuarem na pós-graduação, ampliaram a produção acadêmica que investiga temas inerentes a linguística e educação das pessoas surdas.

Monteiro (2022) relata que a mobilização em torno da discussão de uma proposta legislativa facilitou o contato com pessoas surdas que concluíram o mestrado a partir de 2017. Com a relação de professores e pesquisadores surdos feita, a pesquisadora enviou um e-mail a todos esses acadêmicos, para que eles pudessem preencher a ficha de coleta de dados. Os dados apresentados em tabelas e gráficos da pesquisa referem-se a mestres e doutores surdos que concluíram seus cursos e preencheram a ficha até dezembro de 2021, quando foi finalizada a organização do artigo.

Monteiro (2022) elaborou as tabelas a seguir, apresentadas nas Figuras 3, 4 e 5, que contêm os dados quantitativos de mestrados e doutorados concluídos por pessoas surdas entre 2017 e 2021, além das informações sobre cursos concluídos até 2016 e que não constavam no primeiro artigo (MONTEIRO, 2017).

ANO	Mestrado Feminino	Mestrado Masculino	Total
*2010	-	1	1
*2011	-	1	1
*2013	-	1	1
*2014	2	-	2
*2015	6	3	9
*2016	4	7	11
2017	11	10	21
2018	17	13	30
2019	23	14	37
2020	13	18	31
2021	11	8	19
Total	87	76	163

TABELA 1 - Mestrados concluídos por pessoas surdas entre 2017 e 2021

*Mestrados concluídos até 2016 e não incluídos no primeiro artigo

Dados coletados pela autora

Figura 3 - Mestrados concluídos por pessoas surdas entre 2017 e 2021.

Fonte: Monteiro (2022, p. 7).

ANO	Doutorado Feminino	Doutorado Masculino	Total
*2014	-	1	1
2017	4	1	5
2018	3	1	4
2019	3	4	7
2020	7	4	11
2021	8	4	12
Total	25	15	40

TABELA 2 - Doutorados concluídos por pessoas surdas entre 2017 e 2021

*Doutorado concluído até 2016 e não incluído antes de 2016 no primeiro artigo

Dados coletados pela autora

Figura 4 - Doutorados concluídos por pessoas surdas entre 2017 e 2021.

Fonte: Monteiro (2022, p. 7).

	Feminino	Masculino	Total
Tradução	4	1	5
Linguística	6	7	13
Educação	10	1	11
Outras áreas	5	5	10
Total	25	14	39

TABELA 3 – Surdos que concluíram o doutorado, por área, no período de 2017 a 2021
Dados coletados pela autora

Figura 5 - Surdos que concluíram o doutorado por área, no período de 2017 a 2021.
Fonte: Monteiro (2022, p. 7).

Com o levantamento atual dos dados, é possível acompanhar o aumento da quantidade de mestrados concluídos a cada ano que a autora indicou, como exibido na Figura 6 e no Gráfico 2:

ANO	Dados coletados até 2016 (a)		Dados coletados de 2017 em diante (b)		Total por ano
	MF (a)	MM (a)	MF (b)	MM (b)	
1998	1	-	-	-	1
2001	-	1	-	-	1
2002	1	-	-	-	1
2004	1	-	-	-	1
2005	1	1	-	-	2
2006	3	-	-	-	3
2007	-	1	-	-	1
2008	2	1	-	-	2
2009	3	2	-	-	5
2010	10	2	-	1	13
2011	4	4	-	1	5
2012	7	6	-	-	13
2013	6	6	-	1	13
2014	10	6	2	-	18
2015	14	11	6	3	34
2016	6	15	4	7	32
2017	-	-	11	10	21
2018	-	-	17	13	30
2019	-	-	23	14	37
2020	-	-	13	18	31
2021	-	-	11	8	19
TOTAL	69	56	87	76	288

TABELA 14 - Quantidade de mestrados concluídos por surdos ao longo dos anos
Dados coletados pela autora

Figura 6 - Quantidade de mestrados concluídos por surdos ao longo dos anos.
Fonte: Monteiro (2022, p. 17).

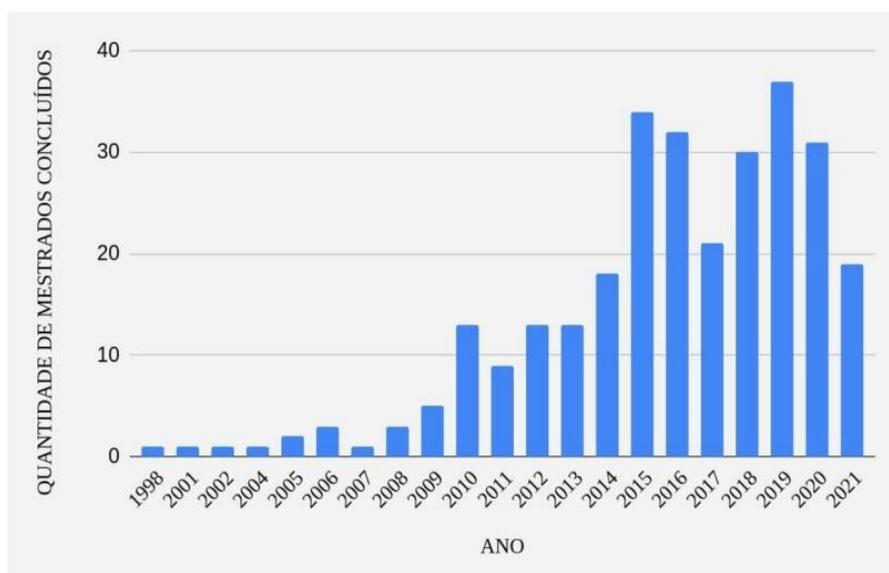


Gráfico 2 - Aumento da quantidade de mestrados concluídos.
 Fonte: Monteiro (2022, p. 17).

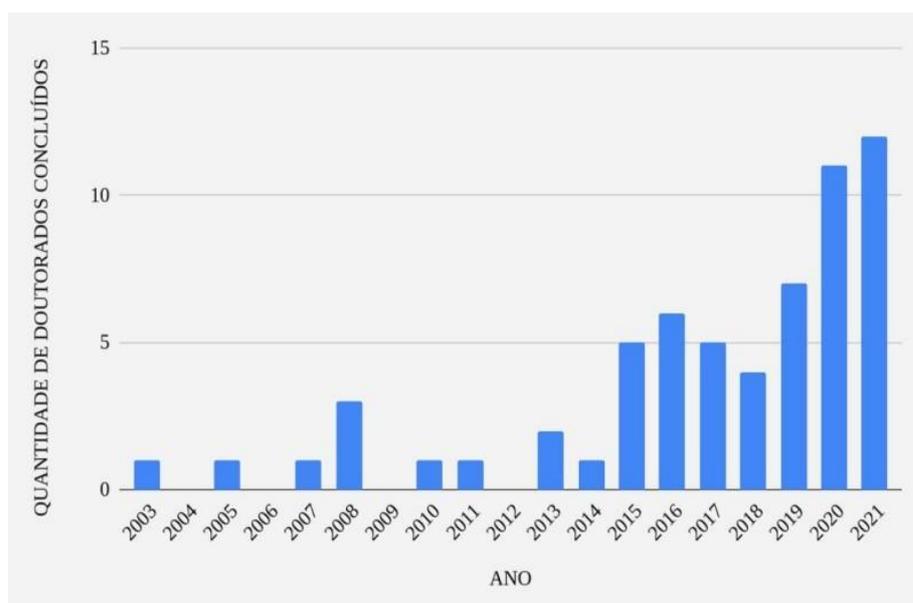
Observa-se a mesma tendência de ascensão ao se compilar os dados de doutorados concluídos.

ANO	Dados coletados até 2016 (a)		Dados coletados de 2017 em diante (b)		Total por ano
	DF (a)	DM (a)	DF (b)	DM (b)	
2003	1	-	-	-	1
2004	-	-	-	-	0
2005	1	-	-	-	1
2006	-	-	-	-	0
2007	-	1	-	-	1
2008	2	1	-	-	3
2009	-	-	-	-	0
2010	1	-	-	-	1
2011	1	-	-	-	1
2012	-	-	-	-	0
2013	1	1	-	-	2
2014	-	-	-	1	1
2015	3	2	-	-	5
2016	4	2	-	-	6
2017	-	-	4	1	5
2018	-	-	3	1	4
2019	-	-	3	4	7
2020	-	-	7	4	11
2021	-	-	8	4	12
TOTAL	14	7	25	15	61

TABELA 15 - Quantidade de doutorados concluídos por surdos ao longo dos anos
 Dados coletados pela autora

Quantidade de doutorados concluídos por surdos ao longo dos anos.
 Fonte: Monteiro (2022, p. 18).

Figura



Aumento
quantidade de doutorados concluídos.

Fonte: Monteiro (2022, p. 19).

Gráfico 3 -
da

Os dados mostram uma expressiva ampliação da participação de surdos em Programas de Pós-Graduação, com preferência pelas áreas de Educação e Linguística, sendo que em termos de gênero há um número maior de pós-graduandas mulheres.

4 Metodologia

A pesquisa, com viés qualitativo, teve como objetivo compreender o processo de produção do texto acadêmico de pós-graduandos surdos. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pós-graduados surdos (Mestrado e Doutorado) a fim de que eles sinalizassem sobre os processos de escrita acadêmica.

Os entrevistados foram seis surdos, três Mestres e três Doutores, que aceitaram participar da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Termo (Apêndice B) foi enviado via e-mail para os convidados com dia e hora definidos para participarem da entrevista. Para cada entrevistado foi designado um nome fictício, tendo como inspiração nomes de artistas. Os critérios de seleção dos participantes foram: todos residentes no Rio Grande do Sul, envolvidos em atividades acadêmicas e que possuíssem publicações, além da produção da Dissertação ou Tese. Os procedimentos foram os seguintes:

- A. Os surdos mestres e doutores foram convidados via *WhatsApp* para participarem das entrevistas;
 - B. Foi encaminhado antecipadamente aos entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que consta no Apêndice B;
 - C. As entrevistas foram realizadas e gravadas através do *Google Meet*;
 - D. As entrevistas foram transcritas para a língua portuguesa pela pesquisadora e, depois, revisadas pela Tradutora e Intérprete de Libras;
- A escala de entrevistas pode ser observada no Quadro 2.

Quadro 2 - Escala de entrevistas.

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	DATA	HORÁRIO
Participante 1 Mr. Bean	Mestre	UFPEL	09/11/ 2021	16h
Participante 2 Scarlett Johansson	Mestra	UNISINOS	10/11/2021	9h
Participante 3 Xuxa Meneghel	Mestra	UFRGS	10/11/2021	14h
Participante 4 Juliana Paes	Mestra e Doutora	UFRGS	12/11/2021	14h
Participante 5 André Marques	Mestre e Doutor	UFPEL	17/11/2021	10h
Participante 6 Robert De Niro	Mestre e Doutor	UFRGS	23/11/2021	19h

Fonte: produzida pela autora.

As perguntas previamente estruturadas sobre como se deu o processo de escrita acadêmica dos entrevistados estão disponíveis no Apêndice C. Buscou-se com as perguntas compreender, além das estratégias de produção, como foram as vivências dos surdos durante o processo de escrita, a relação e conhecimento sobre a cultura surda e a Libras durante as aulas, além do respeito e reconhecimento da língua de sinais como primeira língua, língua materna, dos surdos. As entrevistas tiveram uma média de duração de 95 minutos.

Para a análise dos dados produzidos nas entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011). Foram organizadas quatro categorias a partir das recorrências de uma determinada palavra ou expressão capazes de formar agrupamentos por significados. Desse modo, foram encontradas quatro categorias:

1. A presença do TILS no Programa de Pós-Graduação;
2. A experiência com o orientador;
3. O papel da escola;
4. O processo de produção da escrita.

A seguir, serão apresentadas as categorias com excertos das entrevistas. Os excertos das sinalizações transcritas para o português estão recuados com fonte tamanho 12, para destacar a sinalização dos entrevistados. As citações diretas seguem a regra de fonte tamanho 10.

4.1 A presença do TILS no Programa de Pós-Graduação

Um tema recorrente nas entrevistas foi acerca da presença de TILS durante o curso de pós-graduação. Ora os entrevistados comentam sobre sua presença em aulas, atividades de pesquisa, orientações, e ora sinalizam sobre o papel do TILS no processo de produção da escrita acadêmica.

O governo federal extinguiu o cargo de TILS e não ocorreram mais concursos para TILS. Para suprir a demanda, cada vez maior, são contratados intérpretes terceirizados que nem sempre possuem formação ou experiência adequada para acompanhar os pós-graduandos surdos. Os direitos linguísticos não estão sendo garantidos.

Nesse sentido, foram criadas duas categorias. Uma que discute a presença na universidade e outra que apresenta o papel desse profissional no momento da produção escrita.

Com relação aos TILS de sala de aula, a maioria das universidades nas quais os entrevistados estudaram disponibilizam TILS:

O intérprete de Libras na UFPEL acompanha durante as aulas e sempre nos horários que há “troca” dos intérpretes ou professor em sala de aula, tem-se a continuidade do trabalho por outro profissional... O Grupo de pesquisa tem intérpretes de Libras para que haja comunicação com os que não conhecem a Libras. (Mr. Bean).

Aconteceu igual no Mestrado e no Doutorado. Durante as aulas em sala de aula, as disciplinas, têm o acompanhamento do intérprete de Libras e nos grupos de trabalhos científicos para discutir os textos, que o professor mandava para todos, para conversarmos o que tinha ficado compreendido. (Xuxa Meneghel).

Entretanto, o número de TILS nem sempre é suficiente para suprir as demandas dos estudantes surdos. Desse modo, muitos arranjos precisam ser feitos, arranjos esses que limitam a liberdade e autonomia dos estudantes surdos:

Há uma diferença que é, por exemplo, se uma disciplina desejasse o intérprete, mas um surdo solicitasse em outra, não teriam profissionais suficientes. Era preciso ir pela maioria dos alunos, nas mesmas disciplinas como, por exemplo, na disciplina da Prof. Lodenir em que ela sabia a Língua de Sinais ou a maioria dos surdos precisava estar em outra disciplina e solicitar o intérprete de Libras naquela disciplina. O principal é a quantidade de surdos juntos na mesma solicitação para a mesma disciplina... Escolher a disciplina não dava porque o intérprete de Libras tinha muitas demandas. (Scarlett Johansson).

Alguns entrevistados comentaram sobre os prejuízos que sentem com o pouco tempo disponível dos TILS em suas instituições:

Na sala de aula tinha tradutor/intérprete de Libras, simultâneo, mas fora da sala de aula eu não tinha. Fazer trabalho era sozinha e o contato com os colegas era pelo e-mail. Sobrava algumas horas do profissional tradutor de Libras e eu aproveitava para anotar, porque a universidade pagava o TILS por três horas e, por vezes, usava esse tempo que sobrava das três horas para solicitar nos encontros para fazer trabalho com os colegas. (Juliana Paes).

Porém, quando o intérprete de Libras não estava junto, fora do horário, o grupo de pesquisa, os colegas ouvintes que não conheciam a Libras, faziam a comunicação pelo whatsapp e marcavam no texto, dividimos, organizamos o texto e compartilhamos com os colegas pelo whatsapp para discutir e dar sugestões. (Xuxa Meneghel).

Alguns entrevistados fizeram duas graduações, sendo a segunda Letras-Libras. Os depoimentos falam da diferença de aproveitamento do ensino superior nos dois momentos:

O Curso de Educação Física não tinha intérprete de Libras e, com isso, o meu conhecimento se dividia em: 70% vazio, porque não tinha intérprete de Libras e 30% entendia, mas com prejuízo. No Curso de

Letras Libras foi diferente: 90% entendia pela língua de sinais, pelo meu letramento e leituras. Busco informações através da língua, na rua, na televisão com uso de legendas, jornais pela subjetividade do meu conhecimento e da construção do que sei através do Mestrado e do Doutorado. Não se pode parar. É preciso continuar diariamente as práticas de leitura para seguir aprendendo. (Robert de Niro).

Em sua pesquisa, Pokorski (2010) encontrou que a grande maioria dos estudantes surdos deixa explícito, em suas dissertações e teses, o fato de que foram muitas mãos que escreveram o texto e que esse processo de escrita também se constituiu em um processo de tradução.

A presença de TILS nas salas de aula, cabe lembrar, é uma conquista da comunidade surda. O Decreto nº 5626, no capítulo IV, garante o provimento de TILS para os estudantes surdos, assim como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.145/2015), no capítulo IV, que trata do direito à educação, reitera o direito ao TILS e salienta que os TILS da graduação e pós-graduação devem possuir formação em ensino superior.

4.2 A experiência com o orientador

A necessidade de interação direta, em Libras, com o orientador também foi salientada pelos entrevistados. Alguns orientadores sabem Libras e se comunicam diretamente com os orientandos.

A minha orientadora sabe se comunicar em Língua de Sinais. A língua portuguesa usamos na comunicação pelo whatsapp. Se precisar ir pessoalmente para dicas, processo de pesquisa, ela sabe que é tranquilo. Não há problema nenhum, eu vou. A comunicação é bem clara. A orientadora fala sobre os surdos, a identidade surda, os passos da pesquisa e a importância da interação entre eu e ela. (Mr. Bean).

É importante destacar que o processo de orientação é um processo de construção de conhecimento:

O processo de construção do conhecimento não é uma atividade isolada e necessita da interação entre os sujeitos professor orientador e aluno orientando. Desse modo, a orientação se configura como um acompanhamento do pós-graduando nas diversas etapas de seu processo de qualificação acadêmica, não devendo se restringir à leitura e revisão do manuscrito, da dissertação ou da tese. (FERREIRA; FURTADO; SILVEIRA, 2009, p. 170).

Entretanto, alguns orientadores não sabem Libras, o que demanda a disponibilidade de TILS para além dos períodos de aulas:

No Mestrado o orientador não sabia Língua de Sinais e nem como o surdo sinaliza. Nada. Para a comunicação entre nós, tínhamos que

chamar o intérprete de Libras para acompanhar, explicar, interpretar e mediar. Atualmente, no Doutorado, o orientador também não sabe Língua de Sinais, pois é o mesmo do Mestrado. Não conhece nada e sempre conta com a ajuda do intérprete de Libras para mediar a comunicação. (Xuxa Meneghel).

Meu segundo orientador, que foi no Doutorado, falava em língua espanhola e com isso procurei um tradutor/intérprete de Libras que conhecesse bem a língua para fazer a tradução e participar da orientação, fazendo a mediação entre língua espanhol, língua portuguesa e Libras. (Juliana Paes).

Um dos dados que Pokorski (2010) apresenta, pelos excertos narrativos, é a dificuldade de comunicação entre os pesquisadores e seus orientadores e colegas. Os pesquisadores relatam a importância da presença do TILS na impossibilidade de que o orientador saiba se comunicar em Libras. Com relação à comunicação, Grützmán e Lebedeff (2022) salientam que a interação do orientador não é apenas com o orientando surdo. É necessário estabelecer uma relação de trabalho, também, com o TILS. Para as autoras, é vital estabelecer um diálogo permanente, pois o texto passará várias vezes, tanto em português quanto em Libras, pelas mãos do TILS. O TILS, nesse sentido, pode ser um grande aliado do processo de produção da escrita e do letramento acadêmico do orientando surdo.

É importante destacar, de acordo com Grützmán e Lebedeff (2022), que não basta ao orientador “saber” Libras. É necessário saber a terminologia de sua fundamentação teórica e ter condições de, em Libras, discutir conceitos científicos e metodologia de pesquisa. É necessário que se garanta uma comunicação qualificada para o processo de orientação.

4.3 O papel da escola

Pokorski (2010), ao realizar as leituras das teses e dissertações de pós-graduandos surdos, percebeu que todos os autores traziam, em vários momentos, as suas experiências escolares como surdos e de maneira geral essas vivências eram marcadas por situações de exclusão e sofrimento.

Os entrevistados trouxeram muitas referências escolares, explicitando, muitas vezes, a fragilidade do ensino de Português como L2:

Minha reflexão sobre o letramento, desde o começo da universidade, percebi a diferença entre a escola e a universidade, além de ser maior minha responsabilidade e dever de ler mais, pois na escola essa prática eram raras as vezes, causando um prejuízo ao surdo. (Scarlett Johansson).

Fernandes e Moreira (2017) denunciam as

dificuldades e lacunas no processo de alfabetização/letramento de estudantes surdos que concluem o ensino médio, pois a maioria apresenta domínio elementar da leitura e escrita em português, sem a vivência em gêneros textuais científicos, que costumam circular no ensino superior, como resumos, artigos, resenhas, dissertações, entre outros” (FERNANDES; MOREIRA, 2017, p. 139).

Além disso, salientam a fluência limitada, em sua própria língua de identificação, pela carência de oportunidades de experiências de interlocução significativas em Libras nos mais diversos campos, tais como política, literatura, arte, ciências exatas, entre outros. Ou seja, para as autoras, a Libras não se constituiu língua de cultura ao longo da educação básica. Essa situação é relatada pelos entrevistados:

Lembro que foi na escola de surdos, na disciplina de Língua portuguesa: a resenha, interpretação de texto, produzir a escrita, diversas formas. Mas, lembro também que alguns professores pareciam me olhar: “coitado, é surdo”. Não, não acho assim. Parecia que pensavam que para surdo era suficiente pouca matéria. Não, eu não queria pouca. Queria aprender a língua portuguesa e devia ser ensinada e explicada nos detalhes como, por exemplo: gramática correta, os verbos e o surdo devia aprender as informações para aprender. (Xuxa Meneghel).

Na minha opinião, a impossibilidade de escrita fluente do português é em função da qualidade da escola, pois faltou um ensino qualificadoda escrita da língua portuguesa e da Libras. A escola só ensinava palavrassinal e o surdo não entendia o sentido, dentro de um contexto, nem na subjetividade da escrita. E, ser bilíngue é ser bom no português? Não, é difícil. É preciso o básico da educação através da leitura, o que ajuda na escrita, pois a maioria dos surdos não conseguem ler em português. Na minha opinião, desde o começo da escola é preciso praticar a produção escrita em língua portuguesa... (Scarlett Johansson).

Percebeu-se, na sinalização de alguns entrevistados, o uso de estratégias pessoais e conscientes para a aprendizagem da língua escrita, apoiando-se na família, após a saída da escola, já no Ensino Superior:

A minha experiência com o letramento em língua portuguesa aconteceu desde muito cedo, ainda quando tinha 14 anos de idade. Era muito interessado, tinha autonomia, vontade de ler e tentar entender a língua portuguesa, por isso minha família me influenciava a praticar. No decorrer do dia a dia meus pais, como leitores, observavam meu empenho e me incentivavam eu comecei a me dedicar à leitura e conseguia ler. (Mr. Bean).

Eu busquei estratégias para aprender a segunda língua, a língua portuguesa, que desde a escola sempre foi péssima a experiência nessa língua. No Curso de Letras Libras eu aproveitava para praticar o português e tinha muita curiosidade pelas aulas de tradução em Libras

e em língua portuguesa, mas não prestava atenção no intérprete de Libras, mas cuidava o português de forma visual e treinava para ver se conseguia entender e outro intérprete de Libras explorava a interação com mais facilidade de entendimento. (Robert de Niro).

A escola de antigamente era péssima na educação do uso e ensino da língua portuguesa. A escola bilíngue melhorou para os surdos porque envolve duas línguas na aprendizagem, mas são poucas essas escolas, pois a maioria é escola tradicional ou com inclusão. (Robert de Niro).

Apenas uma entrevistada estudou em escola bilíngue. Sua sinalização evidencia que essa experiência a ajudou na inclusão linguística no mundo acadêmico:

Tinha facilidade com a leitura, pois estudei em escola bilíngue e tenho uma família ouvinte que adquiri essa subjetividade linguística. Entrei na graduação e não tive nenhuma situação de dificuldade. (Scarlett Johansson).

O Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (THOMA *et al.*, 2014), apoiado em documento da FENEIS, explicita o conceito de escolas bilíngues, que são aquelas onde a língua de instrução é a Libras e a Língua Portuguesa é ensinada como segunda língua, após a aquisição da primeira língua. Os autores salientam que essas escolas se instalam em espaços arquitetônicos próprios e nelas devem atuar professores bilíngues, sem mediação de intérpretes na relação professor-aluno e sem a utilização do português sinalizado.

4.4 O processo de produção da escrita

O processo de produção de escrita englobou três diferentes focos: o papel da TILS, as estratégias de produção e uma discussão sobre a possibilidade de produção do texto acadêmico em Libras, ou seja, a gravação de um vídeo acadêmico.

Percebeu-se que o TILS desempenha um papel importante na produção acadêmica de pós-graduandos surdos, seja para trabalhar em parceria na produção do texto ou para a revisão do texto pronto:

Sempre produzi a escrita juntamente com um tradutor/intérprete de Libras, que me entregava o texto pronto, traduzido. Tinha experiência de digitar, escrever em língua portuguesa, mas entregava para o intérprete de Libras para fazer a tradução e a correção. Achava bem difícil traduzir e ficar tirando dúvidas, então, achei melhor eu e o tradutor/intérprete de Libras sentarmos juntos, discutir a compreensão do texto na produção de artigos e da dissertação. Meu Mestrado e Doutorado tiveram a mesma intérprete de Libras da UFPEL e outra externa da instituição. (André Marques).

Entretanto, os entrevistados relataram que os TILS institucionais nem sempre estão em número suficiente para atender a demanda das aulas e, também, atender a necessidade de produção textual:

O meu intérprete de Libras é uma pessoa externa, ou seja, que não pertence ao quadro de servidores da universidade. (Mr. Bean).

Tenho bolsa de estudos e uso somente para pagar o intérprete de Libras. Se não tivesse, pagaria com o salário do meu emprego porque não adianta, a universidade não paga o intérprete de Libras. É preciso uma mudança na universidade em relação ao intérprete de Libras. É preciso separar os intérpretes das disciplinas do Mestrado e os tradutores/intérpretes dos estudantes do Mestrado e Doutorado para auxiliar na produção da escrita acadêmica. Eles não devem ser misturados e atender tudo. Com minha bolsa de estudos eu pago o intérprete de Libras. (Scarlett Johansson).

Dependendo, primeiro, na experiência do Mestrado, tive o acompanhamento de uma intérprete de Libras, mas ela não tinha muitos horários disponíveis. Os intérpretes de Libras da instituição têm poucos horários, mesmo com o fim das aulas. Era muito pouco tempo livre e, por isso, preferi uma intérprete de Libras externa para conseguir dar andamento no trabalho. (André Marques).

Além das instituições não ofertarem tempo de TILS para a produção do texto, outro fator estressante para o processo tem a ver com as trocas de profissionais durante a produção da escrita:

Minha experiência no Mestrado teve o acompanhamento do intérprete de Libras para corrigir a escrita em língua portuguesa. O intérprete tinha dificuldade com os horários e eu procurei outro intérprete de Libras, que não conhecia a dissertação. Expliquei novamente o processo, mas acabou tendo problemas de horário, também. Muito ocupado. Procurei outro intérprete de Libras e, com isso, percebi que não é bom trocar de intérprete. Agora, atualmente, no Doutorado, tenho só um intérprete de Libras, que conhece o contexto relacionado ao começo, meio e final da minha tese e iremos juntos até a defesa. Ele já sabe os temas relacionados ao estudo. (Xuxa Meneghel).

Além das trocas, o fato de que o TILS não conhecia a temática do texto também pode ser um fator estressante para o pós-graduando. Nesse sentido, Rigo (2015) sugere que:

Conforme o tipo de texto acadêmico a ser traduzido, cabe ao tradutor analisar a temática central permeada no texto de partida. Uma vez compreendida, essa temática poderá servir como um fio condutor de todo o trabalho de tradução, de modo a auxiliar a escrita do texto de chegada mantendo uma unidade sequencial de ideias. Cabe ao tradutor também, analisar o grau de densidade dos conteúdos do texto; estabelecer relações e associações possíveis a partir desses. Na medida em que compreende o tema e os conteúdos de forma integrada, encontra facilmente caminhos mais livres de tradução. (RIGO, 2015, p. 470).

As estratégias de produção da escrita são as mais variadas. Entretanto, é perceptível que o vídeo é extremamente importante para a organização textual dos entrevistados.

A minha intérprete de Libras, que escreve em língua portuguesa, faz a escrita por transcrição para o português acadêmico, porque ela já se formou em Letra/Português e conhece a área dos surdos. A interação com a intérprete de Libras é tranquila e é a mesma que me acompanhou no Mestrado.

Para a produção da escrita da minha dissertação, eu preferia a produção de um vídeo de Libras que, ao finalizá-lo, enviava para a intérprete de Libras que fazia a tradução para a língua portuguesa. Pronta a tradução, a intérprete me enviava o texto, lia o português, às vezes concordava, ou não, com as palavras, pois compreendo bem o português, o que faz do processo mais rápido, se comparado a necessidade de digitar, caso optasse pelo não envio do vídeo, teria de digitar, cuidar o limite de palavras, pensar as estruturas linguísticas e as palavras do português. Assim, prefiro o vídeo em Libras, pois tenho mais vocabulário, uso a minha língua, a Língua Brasileira de Sinais, e o intérprete de Libras faz a tradução. Assim, ganho tempo, pois é muito mais rápido. (Scarlett Johansson).

Diferentemente das línguas orais, as línguas de sinais possuem características visuoespaciais como recursos comunicativos. A movimentação das mãos e do corpo em conjunto com as expressões faciais compõem a verbalização e os significados dessas línguas, ou seja, são articuladas no espaço por meio do corpo (mãos, face e corpo) e acessadas pela visão (aparelho visual) (QUADROS, 2019). O registro da produção dessa língua requer, portanto, de uma outra tecnologia que não a escrita (PELUSO, 2015). Para o autor, os vídeos gravados pelos surdos possuem uma “especialização” com relação aos gravados por pessoas ouvintes. Eles se diferem do conjunto de produtos, tais como filmes, documentários, entre outros.

Os vídeos gravados por pessoas surdas, de acordo com Peluso (2015), têm sua centralidade no texto linguístico e sua finalidade é a de funcionar como um texto diferido, com estrutura e função descontextualizadas, similares a um texto escrito. São vídeos nos quais está privilegiado o falante proferindo seu discurso, no caso, em língua de sinais. O autor denomina “textualidade diferida”, portanto, todos os textos que estão separados do momento de enunciação por meio de alguma tecnologia linguística, seja essa tecnologia um sistema de escrita ou uma ferramenta de registro (gravações em áudio ou em vídeo).

Prefiro usar a produção de um vídeo em Libras, porque a Libras tem que demonstrar o que é produzido nas mãos, sinalizado, mais rápido do que digitar na língua portuguesa e parece que no português faltam informações. Percebi isso, testei com um vídeo em Libras que enviei para o intérprete de Libras para a tradução e era um vídeo longo que na tradução, comparando a escrita, ficou bem menor, bem diferentes.

Sinto mais segurança no vídeo em Libras porque é a minha língua. Mas, às vezes, nós, surdos, não utilizamos palavras difíceis, mas palavras repetidas, e o intérprete de Libras vê isso e sabe qual palavra está repetida e pensa nas possibilidades de colocar essas palavras no texto. (Scarlett Johansson).

Não é difícil gravar o vídeo em Libras, mas busco explicar claramente digitando o texto em língua portuguesa e enviando para o intérprete de Libras para fazer a tradução e correção. Caso o intérprete não entenda o texto, ele me pergunta. Se caso ele não entenda uma frase, eu explico ao gravar um vídeo em Libras com a frase do texto. O vídeo é para o intérprete tirar a dúvida ou eu procuro um outro estudante de Mestrado e peço dicas para melhor sinalizar e entender a frase ou palavra no vídeo em Libras. (Xuxa Meneghel).

Tem dois elementos estratégicos e seguros: o intérprete de Libras tem conhecimento do tema e contexto, eu produzo em Libras e o profissional da tradução passa para a língua portuguesa. Eu leio o texto e envio, pois o meu jeito de escrever demora mais, diferentemente se fosse produzido em Libras com tradução do intérprete de Libras. Fazer o vídeo em Língua Brasileira de Sinais é mais fácil, mais fácil para criação de tópicos e tem também os vídeos com resumo em Língua Brasileira de Sinais que conta com introdução, desenvolvimento, objetivos, metodologia, conclusão, ou seja, eu sempre fiz os artigos nessa ordem para enviar, usando a Libras, pois me sinto mais seguro. (André Marques).

Em sua pesquisa sobre os processos tradutórios de estudantes surdos pós-graduandos, David e Lebedeff (2021) perceberam que além dos estudantes apresentarem níveis de língua distintos, com escritas em diferentes níveis de interlíngua, os processos de tradução de seus respectivos textos também eram distintos, sendo necessário utilizar estratégias tradutórias diferentes para cada um. As autoras chamam a atenção para o fato de que as singularidades de autoria provocam estratégias diferentes para cada sujeito. As autoras citam Rigo (2015), que discute a necessidade de que é preciso contemplar as necessidades de expressão do pensamento original do sujeito surdo em suas produções acadêmicas e intelectuais.

Entretanto, como muitos entrevistados salientaram, não basta produzir o vídeo se o estudante não leu, não processou o texto de forma a compreender e contextualizar os conceitos:

É preciso ler, ler e discutir com os colegas para entender os conceitos e depois produzir a escrita do texto em português, mas, para isso, é preciso praticar: pensar/construir em Libras, produzir a escrita em Libras e traduzir para o português escrito, conectando o entendimento nas duas línguas: na Libras e na língua portuguesa. Ao finalizar essa etapa, é preciso entregar o texto para o intérprete de Libras para arrumar o português, por vezes a interlíngua, usando as preposições

corretas e no contexto textual adequado. É preciso práticas de leitura. (Robert de Niro).

Alguns dos entrevistados preferem escrever diretamente em português e encaminhar para a TILS que faz a revisão linguística:

Prefiro produzir a escrita em português do que na língua de sinais. Consegui um intérprete de Libras externo ao horário de aula para trabalhar na dissertação e na tese. Vou pagar um profissional externo. (Robert de Niro).

A pergunta sobre a possibilidade de produção do texto acadêmico em Libras gerou polêmica. Alguns referem que seria uma possibilidade, outros questionam a falta de letramento em Libras de ouvintes que não teriam acesso à produção acadêmica surda e, ainda, alguns comentaram sobre o cansaço que a leitura em Libras ocasiona, pois os vídeos acadêmicos costumam ser muito longos:

Seria ótimo na produção da Dissertação e da Tese poder produzir vídeos em Libras, no âmbito acadêmico, pois a maioria dos surdos precisam escrever esses trabalhos acadêmicos em língua portuguesa, como L2... (Mr. Bean).

Prefiro saber os dois, a língua portuguesa e a Libras, lembrando que nasci no Brasil e saber as duas línguas possibilita o bilinguismo. Minha opinião, nesse sentido, é pelo uso do bilinguismo, que possibilita ao surdo compreender simultaneamente o vídeo em Libras e o português na produção escrita da língua. (Scarlett Johansson).

Na UFSC há uma revista em Libras, com vídeos, mas o problema dessa forma de registro é que cansa ver o vídeo em Libras, assistir o vídeo inteiro, mesmo tendo intérprete que é um ponto positivo. Por exemplo, ler um texto dá para fazer uma pausa de alguns minutos, reler o texto, assistir o vídeo em Libras, se necessário. No que compete ao vídeo, dura, por vezes, oito horas para assistir e isso é cansativo, diferente da leitura de um livro que dá para pausar, repousar, bem diferente do vídeo. Acho importante o vídeo em Libras, mas depende muito também se a escola ensinou, ou não, como filmar o vídeo em Libras e adequá-lo. Não tenho experiência nisso, mas soube que há uma banca avaliadora para isso. No vídeo, por exemplo, há capítulos que duram duas horas e meia para assistir e é preciso fazer uma pausa e repousar porque não costumo assistir direto, o que é algo bem diferente do filme que é normal ficar esse tempo assistindo. (André Marques).

Polêmica! Para mim tem o lado positivo e o negativo. Os surdos têm dificuldades com o português e, para melhorar isso, usam a língua de sinais e registram a fala em vídeo, produzindo informações em Libras. Os surdos, muitos, sabem ser bilíngues e têm autonomia para escolher entre a língua portuguesa ou a Libras para produzir seus textos. Hoje, no ano de 2021, no Brasil, a língua de sinais é usada pela comunidade

surda que sabe a Libras, já os ouvintes não vão ler a Libras, na comunidade surda, o que gera prejuízo. O surdo produz a Libras e o português nas dissertações para que os ouvintes possam ler. No Google não tem como o surdo pesquisar através do uso da Libras, como um sistema de conhecimento, já o português tem no Google, na opção de tradução, assim como o inglês e outras línguas do mundo. (Robert de Niro).

Como destacam David e Lebedeff (2021), pelo Decreto nº 5.626/2005 a Libras não substitui a língua portuguesa. Assim, a maioria das instituições de ensino não aceita que os trabalhos de conclusão de curso (Graduação, *lato* ou *stricto sensu*) sejam produzidos em Libras, o que leva os estudantes surdos a buscarem o processo de tradução ou adequação linguística de seus textos.

Um dos entrevistados questionou, também, com relação aos vídeos acadêmicos em Libras, a dificuldade de detecção de plágio:

Ao usar a Libras, detectar plágio é um pouco mais difícil, se comparado ao uso do português. Além disso, é preciso pensar em uma estratégia para usar da melhor forma o bilinguismo envolvendo as duas línguas: Libras e o português. (Robert de Niro).

Ao finalizar a análise das entrevistas, percebi o quanto é necessário discutir o bilinguismo nas escolas, suas práticas, de modo que possibilitem o acesso dos surdos ao conhecimento socialmente produzido. Como relatam Müller *et al.* (2013, p. 5):

Histórica e culturalmente, as comunidades surdas têm lutado por uma educação bilíngue nas famílias e nas escolas, de modo a romper com o prestígio de uma língua de modalidade oral-auditiva. Paralelamente a isso, há a luta pela aprendizagem escolar em língua de sinais, mas sem reduzi-la a um instrumento de acessibilidade ao conhecimento culturalmente registrado em português. Uma proposta educacional bilíngue bem elaborada e praticada possibilitará que os surdos se tornem membros de mais de uma cultura.

A seguir, apresento as considerações finais acerca do processo de pesquisa sobre a produção acadêmica de pós-graduados surdos.

5 Considerações finais

Gladis Perlin e Willian Miranda ingressaram na universidade para fazer o Mestrado, propondo uma luta significativa e demarcadora dos direitos surdos nesses espaços acadêmicos. Vilhalva (2010) e Monteiro (2017, 2022) mostraram o quanto se evoluiu com relação à formação acadêmica de surdos. Diante disso, a presença desses sujeitos no âmbito acadêmico proporciona a compreensão das lutas dos estudantes surdos e permite a valorização da comunidade surda brasileira.

As entrevistas realizadas com mestres e doutores surdos teve como proposta principal compreender a produção da escrita acadêmica na pós-graduação, haja vista que a língua de sinais não é aceita como forma de registro oficial para a produção acadêmica na maioria das universidades. Portanto, o conhecimento linguístico e acadêmico dos surdos é de extrema importância a ser discutido a fim de que seja possível entender esse processo de escrita e para que o trabalho possa embasar ações para promover o letramento acadêmico nas IES.

De acordo com os entrevistados, a maioria das Universidades disponibiliza TILS para os momentos de aula. Contudo, para o trabalho com textos, há a necessidade de realizar um contrato de serviço particular fora da instituição. Os surdos organizam-se cada um com seus profissionais TILSP porque os profissionais da instituição não conseguem suprir essas demandas específicas.

Além dessa organização com o profissional, os alunos surdos, mestrandos e doutorandos, também estão condicionados a entregarem seus trabalhos dentro de prazos pré-estabelecidos, ou seja, dois anos, pois alguns têm bolsas de estudos. No entanto, alguns problemas podem surgir quando o TILSP não cumpre com os prazos ou demora para entregar o texto.

Outro ponto a ser destacado é a produção escrita do surdo. A dificuldade com a escrita é o reflexo de uma educação que não teve muitas práticas de leitura, de produção escrita, falta conhecimento para desenvolver um texto bem respaldado teoricamente, além de conhecimento de um mundo ouvinte. Vale lembrar, como já discutido, que a primeira língua do surdo é a Libras e a segunda língua é a língua portuguesa na modalidade escrita (LP2M2).

Essas lacunas com a língua portuguesa vêm de uma escola básica que não estava preparada para receber esses alunos surdos, que deveria ter entregado mais qualidade de ensino, deveria ter incentivado a aprendizagem da língua portuguesa nos mais diversos gêneros. Isso tudo reflete na vida do surdo no nível acadêmico de formação, fazendo com que esse sujeito apresente dificuldades para ler, para se aprofundar nos temas de discussão em

função de que não tem práticas de leitura sobre a língua portuguesa escrita. Esse mesmo surdo, muitas vezes, não sabe a estrutura da língua portuguesa, segundo o grupo de entrevistados.

Assim sendo, pode-se dizer que a escola não estimulou o surdo, não fomentou no surdo o aprendizado e o conhecimento de sua segunda língua, a língua portuguesa; deixou a desejar o bilinguismo e, com isso, muitos desses sujeitos não conseguiram ingressar na Graduação. Essas práticas refletem, também, no uso da Libras, pois é mais informação que esses surdos terão acesso, poderão refletir sobre e, logo após, expressar suas opiniões a respeito do que se está tratando e conhecer vocabulário mais aprofundado a nível acadêmico também.

Portanto, acho importante trazer essas questões para discussão, tais como: o papel da escola na formação do surdo, a importância da leitura e da escrita, do ser bilingue e a responsabilidade do trabalho do TILS. Somado a tudo isso, algo que me deixa pensativa sobre os trabalhos é a necessidade de saber uma língua estrangeira (inglês, espanhol, alemão) e a questão: como fazer a leitura de textos nessas línguas? Minha inquietação é porque muitas vezes o professor da pós-graduação exige que o aluno faça a leitura de um texto em língua estrangeira e nem sempre o aluno tem esse conhecimento.

No Doutorado há uma prova de leitura em língua estrangeira, essa se aplicaria ao aluno surdo na proficiência? Ler o português para traduzir outra língua, como espanhol e inglês ou inglês e espanhol, para traduzir o português brasileiro nos artigos científicos, livros e e-book? Fiz esses questionamentos aos surdos entrevistados, mas se detiveram a falar somente da Libras e da língua portuguesa como segunda língua.

Além disso, o surdo precisa saber sua língua, que é a Libras, mas também precisa saber sua segunda língua na modalidade escrita, que é a língua portuguesa. É inegável esse conhecimento e para adquiri-lo é preciso práticas de leitura: ler livros, artigos, jornais, ainda mais os surdos, os quais, muitos, não tiveram esse incentivo desde tenra idade. A família tem papel importante e decisivo de incentivo a essa prática. Tudo é uma construção e que se soma com as boas práticas em casa, na escola e na universidade.

Nesse sentido, ressalto o que defendem Fernandes e Moreira (2017), que discutem o letramento bilíngue na Universidade Federal do Paraná:

Acreditamos que ações de acesso e permanência no ensino superior devem ter como elemento norteador a construção de uma proposta de educação bilíngue comunitária, envolvendo todos os membros da comunidade universitária. A visibilidade da Libras na universidade, promovendo sua circulação em gêneros textuais diversos, desde editais de concursos e vestibulares até provas e textos de apoio às disciplinas, são

parte desse processo de constituição da Libras como língua de cultura no ensino superior e valorização da comunidade surda na UFPR. (FERNANDES; MOREIRA, 2017, p. 146).

É importante que os universitários possam aceitar a segunda língua do português e a primeira língua na comunidade surda, pois ambos são bilíngues dessa universidade.

Ao comparar surdos e ouvintes na pós-graduação, os surdos apresentam dificuldades de aprender a leitura de artigos científicos, resenha, livros e outros. Os professores universitários buscam estimular a leitura e a escrita acadêmica, pois a maioria de surdos e ouvintes não gostam muito de ler e escrever desde a escola, pois preferem a comunicação dos falantes informal. É de tenra idade que se pode adquirir o conhecimento, através da família, para estimular o incentivo da leitura e escrita padrão.

Realizar a proposta bilíngue faz os surdos melhorarem seu nível de leitura e escrita, visando desenvolver melhor, principalmente, oferecer aos surdos as mesmas oportunidades do mundo dos ouvintes.

Somado a isso, temos problemas históricos da escola em não adquirir o conhecimento do português na educação bilíngue. Dessa forma, prejudica-se o conhecimento e a aprendizagem da leitura e escrita dos surdos porque a escola buscava oferecer o básico, como conhecimento de palavras significadas e ler os livros pela visualidade como contexto textual. A escola deverá melhorar a qualidade para incentivar os surdos a desenvolverem a prática da leitura e escrita do português como bilíngues desde cedo, através da inclusão.

Os surdos foram prejudicados por falta de entender a relação entre o professor e o intérprete de Libras. Também se considera que a escola de surdos precisa fazer atividades aperfeiçoadas da língua portuguesa entre os surdos e ouvintes, de forma bilíngue. Também a família deve apoiar a educação bilíngue, pois assim os surdos poderão ingressar na universidade com mais facilidade para desenvolver a leitura e a escrita acadêmica, o modo de falar as mãos sinalizadas na escrita e a leitura na interação do nosso conhecimento nos níveis de aprendizagem.

Os mestres e doutores que participaram desta pesquisa relataram que de certa forma ajudaram na promoção da proposta de valores (tabela de honorários) dos intérpretes de Libras externos às instituições pois eles foram demandados a desenvolver as atividades de tradução e revisão, também muitos interagiram nas discussões da produção escrita, compartilhadas entre mestrando ou doutorando e orientadora. Relatam, também, a importância de que os TILS que acompanhem na pós-graduação sejam formados no ensino superior de modo a conhecer a língua portuguesa em nível acadêmico. Alguns entrevistados precisaram utilizar a bolsa de

estudos para pagar os serviços de TILS, que deveria ser oferecido pelas instituições. Alguns dos entrevistados relataram que se sentiram prejudicados pela alternância de TILS, pelos poucos horários oferecidos pela instituição.

A pós-graduação precisa garantir que os pós-graduandos surdos sejam realmente “incluídos” ao disponibilizar a acessibilidade através dos profissionais TILS.

Espero que a pesquisa tenha contribuído para a compreensão e reflexão acerca do bilinguismo dos acadêmicos surdos e para a compreensão das relações entre a língua de sinais e do português para a leitura acadêmica.

Referências

- ANTIA, S. D.; REED, S.; KREIMEYER, K. H. Written Language of Deaf and Hardof – hearing students in Public Schools. **Journal of Deaf Studies and Deaf Educations**, Oxford University Press, v. 10, n. 3, p. 244-255, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Rev. Ampl. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. Oxford: Blackwell, 1994.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacy**: reading and writing in one community. London and New York: Routledge, 1998.
- BISOL, C. A. *et al.* Estudantes surdos no ensino superior: Reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p. 147-172, jan./abr. 2010.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.
- CALVET, L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007.
- CARDOSO, A. B. R.; LEBEDEFF, T. B. Comparação da normatização da produção acadêmica em LIBRAS entre UFSC e INES. *In*: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFPEL, 22, 2020, Pelotas. **Anais do XXII Encontro de Pós-Graduação da UFPEL**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2020. p. 1-4.
- CASTRO, N. P. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – UFSC, Florianópolis, 2012.
- CLÁUDIO, J. P. **Proficiência em Língua Brasileira de Sinais – ProLibras**: representações sobre o uso e o ensino da Libras. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DAGOSTIM, V. O. *Letramento acadêmico de surdos universitários: avaliação de leitura*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNISINOS, São Leopoldo, 2013.

DARDE, A. O. G.; SANTANA, A. P. de O. Letramento de surdos universitários no Brasil: o bilinguismo em questão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 761-782, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13118>. Acesso em: 28 jul. 2021.

DAVID, P. P.; LEBEDEFF, T. B. Análise tradutória de textos acadêmicos produzidos por estudantes surdos a partir da perspectiva dos diferentes níveis linguísticos categorizados pelo QCER. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-21, 2021.

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-137.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24287/T%20-%20FERNANDES,%20SUELI%20DE%20FATIMA%20.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 jan. 2017.

FERNANDES, S. Letramentos na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G.; DE ANGELIS, C. C. M. **Letramento: referências em saúde e educação**. Rio de Janeiro: Plexus, 2006.

FERNANDES, S. Políticas linguísticas e de identidade(s): a língua como fator de (in)exclusão dos surdos. **Revista Trama**, Cascavel, v. 7, p. 109-123, 2011.

FERNANDES, S. Avaliação escolar e educação bilíngue para surdos: a questão das línguas na política de inclusão. In: ALMEIDA, M. A.; MENDES, E. G. (Org.). *A escola e o público-alvo da Educação Especial: apontamentos atuais*. Marília: ABPEE, Marquezine & Manzini, v.1, p.141-158, 2014.

FERNANDES, S.; MEDEIROS, J. Tradução de Libras no ensino superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos na Universidade Federal do Paraná. **INES, Revista Arqueiros**, n. 36. p. 100-117. jul./dez. 2017.

FERNANDES, S.; MEDEIROS, J. Tradução de Libras no ensino superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos na Universidade Federal do Paraná. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 12, 2015, Curitiba. **Anais: Formação de professores, complexidade e trabalho docente**, 2015. v. 1. p. 2417-2428.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C.. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. esp. 3, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/NN3yMpLvBXXjd3KcYQ384gp/abstract/?lang=pt> Acesso em: 05 set. 2022.

FERREIRA, L. M.; FURTADO, F.; SILVEIRA, T. S. Relação orientador-orientando. O conhecimento multiplicador. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 24, n. 3, 2009, p. 170- 172. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acb/a/XspSRpmWpxt8Tx6DvL8gPgh/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 31 jul. 2021.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de Mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006.

FISCHER, A. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 2007. 341f. Tese (Doutorado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies: ideology in Discourses**. 2. ed. London: Taylor & Francis, 1996.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

GRUTZMANN, T.; LEBEDEFF, T. Desafios da orientação na Educação Matemática e/ou na Educação de Surdos. **Com a Palavra, O Professor**, v. 7, n. 17, p. 420-439, 2022.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro no processo de construção da produção da escrita de sujeitos surdos**. 2004. 208f. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GUARINELLO, A. C. *et al.* **Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis**. Marília: Bras. Ed. Esp., 2009.

GUARINELLO, A. C. G. *et al.* Surdez e Letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 15, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2009.

INAF – INSTITUTO PAULO MONTENEGRO (org.). **Indicador de alfabetismo funcional: Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho**. São Paulo: INAF, 2016.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LEA, M. R.; STREET, B. Student Writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, London, v. 23, n. 2, Jun. 1998.

LEBEDEFF, T. B. Compreensão textual e surdez: análise do desempenho da compreensão de histórias em língua de sinais por alunos de EJA. **Letras de Hoje**, v. 39, n. 3, p. 285-295, 2004.

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2013.

MARQUES, R. R. Normatização de vídeos em língua de sinais: a produção de artigos. In: SEMANA DE PESQUISA E EXTENSÃO DA UFSC, 11. **Anais...** 2012. Disponível em:

https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Minicurso_XI_SEPEX1.pdf
Acesso em: 10 ago. 2022.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. *In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA*, 2012. **Anais...** Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf. Acesso em: 20 fev. 2017.

MEDEIROS, J. Tradução e Letramento Acadêmico: uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico língua portuguesa/LIBRAS. **INES, Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 133-158, jul./dez. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MIRANDA, W. de O. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. 2001. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MONTEIRO, M. S. Mestres e doutores surdos: Sobre a Crescente Formação Especializada de Pessoas Surdas no Brasil. **INES, Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 173-189, jul./dez. 2017.

MONTEIRO, M. S. **Continuidade sobre mestres e doutores surdos**: A crescente formação especializada e contratação de pessoas surdas no Brasil. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2022.

MÜLLER, J. I. *et al.* Educação bilíngue para surdos: interlocução entre políticas linguísticas e educacionais. **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, n. 21, p. 1-15, out. 2013.

MUSSELMAN, C. How do children who can't hear learn to read an alphabetic script? A review of the literature on reading and deafness. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 5, n. 1, p. 9-31, 2000.

OLIVEIRA, E. F. Letramento Acadêmico: breve análise dos conflitos que emergem no uso de resenha por parte de alunos ingressantes no domínio acadêmico. **CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE**, 2009. **Anais...** Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_3641.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

OLIVEIRA, R. C. A.; MARQUES, R. R. Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais. *In: Revista Diálogos: linguagens em movimento. Caderno Estudos Linguísticos e Literários*, Cuiabá, Ano II, n. I, 2014.

PELUSO, L. Traducción entre Español escrito y Lengua de Señas Uruguaya videograbada: un nuevo desafío. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 479-504, 2015.

PEREIRA, M. C. **Leitura, escrita e surdez**. CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2009.

PERLIN, G. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. 1998. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o Narrar e a Política. **Revista de Educação e Processos Inclusivos**, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, n. 5, 2003.

POKORSKI, J. de O. **Minha vida, duas línguas**: Um estudo sobre as experiências de surdos com a escrita acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Educação UFRGS. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – UFRGS, Porto Alegre, 2010.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos** - a aquisição de linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

REICHERT, André. **Mídia televisiva sem som**. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

REVISTA BRASILEIRA DE VÍDEO-REGISTROS EM LIBRAS. Modelo do artigo. **Revista Brasileira de Vídeo-registros em Libras**, [s.d.]. Disponível em: <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/modelo-do-artigo/> Acesso em: 10 ago. 2022.

RIBEIRO, M. C. M. A; LARA, G. M. P. O eu e o outro no campo discursivo da surdez. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 55-65, nov. 2010.

RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2004

RIBEIRO, M. C. M. de A. **O discurso acadêmico-científico produzido por surdos**: entre o fazer acadêmico e o fazer militante. 2012. 262 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RIBEIRO, M. C. M. de A. Letramento Acadêmico para Surdos: Reflexões Contemporâneas. Olhares. **Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 4, n. 1, p. 269-286, 2016.

RIGO, N. S. Tradução de Libras para Português de Textos Acadêmicos: considerações sobre a prática [Estudos da Tradução e da Interpretação de Língua de Sinais]. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 428-478, 2015.

ROJO, R. **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE/CENP, 2004.

ROSAS, E. F. Ingresso e interação dos alunos surdos na pós-graduação. *In*: SBECE, 6; SIECE, 3, Educação, Transgressões, Narcisismo. **Anais Eletrônicos.....**2015.

SÁNCHEZ, C. La lengua escrita: esse esquivo objeto de lapedagogia para sordos y oyentes. *In*: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 35-47.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2013.

SANTANA, A. P. A Edição de Livros em Língua de Sinais no Brasil e na França: implicações para o acesso do surdo à cultura escrita. **Revista Portuguesa de História do Livro**, v. 37-38, p. 311-344, 2016.

SANTANA, A. P.; STOLSKY, M. Atuação fonoaudiológica na educação. *In*: MARCHESAN, I. Q.; SILVA, H. J.; TOMÉ, M. C. (orgs.). **Tratado das especialidades em fonoaudiologia**. São Paulo: Pylar, 2014. p. 488-496.

SCHEMBERG, S.; FIGUEIREDO, L. C. Surdez e Letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 15, n. 1, p. 99-120, 2009.

SKLIAR, C. (org.). **Educação e exclusão**: abordagens socioantropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do sujeito surdo**. 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SILVA, R. C. **Indicadores de Formalidade no Gênero Monológico em Libras**. 2017 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SILVA, R. C. Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, p. 107-123, 2017.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica**: a prova como foco de análise. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, 2004.

SOUZA, M. G. de; BASSETTO, L. M. T. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 83-110, mar. 2014.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. London: Cambridge University Press, 1984.

STROBEL, K. L. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na História. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema Sin Writing**: língua de sinais no papel e no computador. 2005. 329f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SVARTHOLM, K. Bilingüismo dos surdos. *In*: SKLIAR, C. *et al.* **Atualidade da educação bilíngüe**. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 15-24.

TAVEIRA, C. **Por uma Didática da invenção surda**: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngüe no município do Rio de Janeiro. 2014. 365f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TAVEIRA, C. *et al.* Novas tecnologias na produção de monografias em Libras com alunos do INES: língua de sinais, performance surda e o uso do vídeo digital. *In*: ROSADO, L. A. S.; FERREIRA, G. M. S. (orgs.). **Educação e tecnologia**: parcerias. v. 4. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2015. p. 142-186.

THOMA, A. S. *et al.* **Relatório sobre a política linguística de educação bilíngüe**: Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Grupo de Trabalho designado pelas portarias n° 1.060/2013 e n° 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília: MEC/SECADI, 2014. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3120077/mod_folder/content/0/Relat%C3%B3rioMEC_SECADI.pdf?forcedownload=1 Acesso em: 05 set. 2022.

VILHALVA, S. Trajetória Política dos Surdos no Brasil: Aprovação em concursos públicos e pós-graduação: Mestrado e Doutorado antes e depois da Lei 1.0436/2002 e do Decreto 5.626/2005. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL, 11; SEMINÁRIO NACIONAL DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, 17. **Anais...** 2010.

Apêndices

Apêndice A - Entrevistas

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	DATA	HORÁRIO
Participante 1 Mr. Bean	Mestre	UFPEL	09/11/ 2021	16h da tarde
Participante 2 Scarlett Johansson	Mestra	UNISINOS	10/11/2021	9h da manhã
Participante 3 Xuxa Meneghel	Mestra	UFRGS	10/11/2021	14h da tarde
Participante 4 Juliana Paes	Mestra e Doutora	UFRGS	12/11/2021	14h da tarde
Participante 5 André Marques	Mestre e Doutor	UFPEL	17/11/2021	10h da manhã
Participante 6 Robert De Niro	Mestre e Doutor	UFRGS	23/11/2021	19h da noite

Fonte: Elaboração da autora.

Participante 1:

Mr. Bean, tenho 40 anos de idade, surdo, graduado em Bacharel em Administração UNIJUÍ, licenciado em Matemática e Letras Libras, especialista em Libras, mestre em Letras, doutorado em andamento em Letras e professor universitário da Unipampa. Moro em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Minha esposa me avisou da publicação no site da UFPEL, que tinha o edital aberto para Mestrado e Doutorado em Letras. Li as regras e fiz a inscrição no Mestrado em Letras para desenvolver uma pesquisa no futuro. Meus amigos também me informaram sobre o programa de pós-graduação.

Não pensei diretamente na linha de pesquisa. Foi livre, nada em específico. Se tivesse vaga, tinha interesse, até para aprender novos assuntos, pois já fui acadêmico de diferentes graduações: Administração, Matemática, Letras-Libras, que são cursos diferentes entre si. Para ter uma aprendizagem significativa, a orientadora me deu dicas para eu aprender a buscar pesquisas relevantes na área em específico. Aceito desafios, novas perspectivas na construção do conhecimento acadêmico.

A minha orientadora sabe se comunicar em Língua de Sinais. A língua portuguesa usamos na comunicação pelo *WhatsApp*. Se precisar ir pessoalmente para dicas, processo de pesquisa, ela sabe que é tranquilo. Não há problema nenhum, eu vou. A comunicação é bem clara. A orientadora fala sobre os surdos, a identidade surda, os passos da pesquisas e a importância da interação entre eu e ela. Consegui finalizar minha pesquisa no Mestrado e, agora, continuo estudando no Doutorado em Letras, na UFPEL, com a mesma orientadora.

Eu que escrevi o texto em português e deu certo, pois aprendi desde cedo, com 14 anos de idade. O que me ajuda é ler jornal para processar. Do Ensino Médio até o Ensino Superior e, atualmente, no Mestrado e Doutorado, com nível de conhecimento de língua portuguesa consideravelmente leve, mas me aperfeiçoando, aprendi palavras relacionadas à pesquisa e bem mais densas. Eu aprendi muito usando a língua de sinais para a construção da língua portuguesa, através da leitura. Às vezes, com as disciplinas e leituras em português, tinha alguns desafios de novas palavras acadêmicas.

A minha intérprete de Libras, que escreve em língua portuguesa, faz a escrita por transcrição para o português acadêmico, porque ela já se formou em Letra/Português e conhece a área dos surdos. A interação com a intérprete de Libras é tranquila e é a mesma que me acompanhou no Mestrado.

O meu intérprete de Libras é uma pessoa externa, ou seja, que não pertence ao quadro de servidores da universidade. O intérprete de Libras na UFPEL acompanha durante as aulas. E sempre nos horários que há “troca” dos intérpretes ou professor em sala de aula, tem-se a continuidade do trabalho por outro profissional. Os intérpretes de Libras têm fluência em língua de sinais. Também tenho contato com colegas ouvintes, que escrevem em português para interagir comigo e tenho acompanhamento de intérprete de Libras, pois trabalho na Unipampa. Na UFPEL, o profissional que me acompanha não é o mesmo com quem trabalho externamente. O grupo de trabalhos científicos de pesquisa tem intérpretes de Libras para que haja comunicação com os que não conhecem a Libras, por isso que geralmente há o acompanhamento do TILS.

No passado, quando fiz o primeiro artigo da Graduação de Administração, que foi um desafio, aprendi desde o início da escrita, porque o artigo tinha relação com o meu TCC. Antes de escrever o primeiro artigo, o professor me deu dicas sobre a estrutura e como entender as regras da ABNT. No Curso de Administração eu organizei, juntamente com o intérprete de Libras, a transcrição do texto para o português. Ele ainda não se formou. É meu irmão. Sempre disse a ele para fazer artigos desde o começo do processo de aprendizagem, tendo em vista o próprio conhecimento e também para fazer as resenhas sempre que o professor pedisse. Hoje já aprendi e, agora, no Doutorado, compreendo ainda mais como é importante se esforçar, ajudar e aprender essas construções de aquisição do português, nas diferentes produções e níveis como: na Graduação, na Pós-Graduação no Mestrado e Doutorado e o quanto significa e ajuda saber o português.

Primeiro eu leio para compreender o português. Faço a leitura de artigos, livros e outros. Para a pesquisa da Dissertação, da Tese e dos artigos científicos, faço a leitura, compreendo o que li, faço comparações entre as perspectivas dos autores e depois digito em

português. Acho difícil fazer sempre o vídeo em Libras, mas faço se caso o intérprete de Libras não entenda o que escrevi na língua portuguesa e encaminho para a tradução. Às vezes, a escrita do português eu até faço porque compreendo o contexto, mas a intérprete de Libras têm formação na língua portuguesa.

A intérprete de Libras particular é licenciada em Letras/Português e conhece a área de ensino dos surdos. Geralmente, a interação da intérprete comigo acontece por e-mail para tirar dúvidas sobre a correção do português, às vezes para explicar o significado de algo que a profissional colocou no texto, após a escrita/tradução do texto. Ela tem formação em Licenciatura em Letras/Português pela UFPEL. Ela tem outra formação, também, mas o foco de trabalho está na escrita de texto em língua portuguesa e nas regras de formatação da UFPEL.

Na universidade federal tem a presença de TILS e, com isso, eu não preciso pagar, mas na universidade privada precisa pagar, pois não tem.

A minha experiência com o letramento em língua portuguesa aconteceu desde muito cedo, ainda quando tinha 14 anos de idade. Era muito interessado, tinha autonomia, vontade de ler e tentar entender a língua portuguesa, por isso minha família me influenciava a praticar. No decorrer do dia a dia meus pais, como leitores, observavam meu empenho e eu comecei a me dedicar à leitura e conseguia ler. Eu não era analfabeto, mas eles só descobriram isso aos meus 16 ou 17 anos. Conseguir ler, entender a subjetividade do nosso esforço, a adequação para nos acostumar e me preparar de forma autônoma, foi o que me ajudou muito na leitura do português. Se o surdo não lê, é mais difícil de conhecer as coisas do cotidiano e segue só conhecendo e utilizando a Libras. É importante, também, conhecer o português para que o surdo consiga trabalhar em espaços em que há ouvintes. Os ouvintes não sabem Libras ou se escrevem o português é somente para comunicar algo, servindo de estratégia para buscar ou comunicar uma palavra. Na experiência do trabalho, na comunicação através da língua portuguesa, na Graduação e Pós-graduação, ler o português é muito importante, porque ao não ter o contato com o TILS, ou a presença desse profissional, saber ler um texto é importante para adequar o que foi compreendido através da leitura.

Eu leio, reflito, faço conexões entre os textos e autores, como, por exemplo, o autor escreveu um poema que eu li repetidamente para entender, tirar dúvida porque não ficou claro. Por vezes, explico para o professor para buscar entendimento para o próximo texto. Outro exemplo: o esporte, entendo claramente através da linguagem, da leitura em português, para conseguir refletir sobre. Outra área é a leitura de textos que ficam entendidos, claros, e o contexto apresenta metáforas, o que dificulta ainda mais. O livro de matemática, por exemplo, já é mais fácil de entender porque era algo que antigamente era estudado na escola, embora a

leitura fosse um pouco diferente, pois a língua escrita tem que se fazer mais esforço para compreender um pouco mais, mas nada cem por cento.

Sobre a Dissertação e a Tese em Libras eu vi poucas pessoas utilizarem a Libras, pois a maioria dos surdos escrevem em português. Escrevi em português, mas é importante que as pessoas ouvintes tenham acesso a Língua de Sinais. Seria ótimo na produção da Dissertação e da Tese poder produzir vídeos em Libras, no âmbito acadêmico, pois a maioria dos surdos precisam escrever esses trabalhos acadêmicos em língua portuguesa, como L2, e a configuração e correção é feita pelo TILS que, ao finalizar o trabalho, entrega o texto para o surdo. É verdade que os surdos praticam a língua portuguesa escrita e, às vezes, a maioria dos ouvintes sabem o português claramente, mas esquecem a Libras. Torço para que, no futuro, surdos e ouvintes aumentem seu contato e acesso com a Libras, pois seria ótimo. A minha opinião é que os surdos possam escolher entre a escrita em língua portuguesa ou no uso da Libras: 50% a língua portuguesa e 50% a Libras. Às vezes, alguém deseja aprender a Libras e o português, seus significados, e isso é uma discussão importante para o meio acadêmico.

Eu sempre faço tudo antecipado e aprendi isso com minha esposa, que me ensinou a enviar tudo antecipadamente porque se deixar para perto da data, pode dar algum imprevisto e ocasionar em um prejuízo, podendo haver pressa para digitar e até, por vezes, não entregar. Primeiro organizo antes a leitura, reflito como digitar em português, além de organizar a sequência do que foi combinado sobre a pesquisa e a estrutura da Dissertação ou a estrutura da Tese. É muito importante a preparação antecipada para conseguir entregar tudo certo, dentro do prazo, porque não é difícil se atrasar. Comigo isso é raro de acontecer. Acontece, muitas vezes, em função do trabalho que afeta na entrega, dentro do prazo, da Dissertação ou da Tese. Eu tenho meu dinheiro e emprego e aprendi com meu pai, que dizia que não se pode fazer dívidas. É preciso, antes de tudo, deixar na poupança do banco uma reserva, pois se acontecer algo e for preciso sacar o dinheiro por alguma necessidade, ter o dinheiro para pagar.

Eu trabalho há 21 anos: quinze anos no Supermercado Nacional, em Santa Rosa, e cinco anos e meio como professor de Libras da Unipampa. Organizar as finanças, deixo tudo certo para os pagamentos. Se for difícil de pagar, parcelado, mas não atrase o pagamento da parcela e, às vezes, pago até antes da data de vencimento.

Participante 2:

Scarlett Johansson, tenho 34 anos, surda, formada em Gestão de Recursos Humanos, licenciada em Letras Libras, especialista em Docência de Libras, mestra em Educação e doutoranda em Educação. Moro em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. No sul do Rio Grande

do Sul, em Porto Alegre, é referência na área de Educação, em Estudos Surdos, na UFRGS. Nessa instituição teve a primeira surda, Gladis Perlin, que lutou de forma histórica, tinha intérpretes de Libras e dois orientadores que podiam difundir e orientar sobre a área. Soube do edital e como tinha a opção em Língua Brasileira de Sinais - Libras, a tradução, além de já saber ler, fiz a inscrição. Tentei três vezes. O último edital foi no ano de 2017, quando ainda não haviam cotas, mas agora há cotas de diferentes tipos, para diferentes deficiências, como, por exemplo, índio, deficientes, negros, transexual ou travesti e outros grupos, que dá acesso a muitos desses sujeitos. Além disso, também tem prova escrita ou em vídeo em Libras e o candidato escolhe qual realizar. No passado não tinha essa opção, pois só respondia de forma escrita.

Porque tem relação com a minha pesquisa, com as dúvidas sobre a cultura, sobre os surdos terem dificuldades de vagas de trabalho e formar-se em nível superior: Pedagogia, Informática, Psicologia e outros cursos. Além disso, por muitos surdos não conseguirem trabalhar, o que significa culturalmente que a sociedade não os aceita e, com isso, leva-os a decidirem por outro caminho, como, por exemplo, o Curso de Letras Libras. Ou seja, tem relação com a construção da subjetividade da cultura, bem como tem relação com a linha de pesquisa, buscando refletir a cultura que é própria, a cultura surda, e qual a educação que combina, contempla os surdos porque a educação geral não ofereceu a formação e, quando ofereceu, mesmo com o diploma, muitos, nem assim, conseguiram trabalhar. O Curso de Letras Libras tem diploma, mas não significa conseguir trabalhar na área, não significa ter sucesso na educação.

Minha orientadora é uma grande referência na área que estudo, Lodenir Karnopp. No Mestrado, eu estava sendo orientada por Ariana Thoma (*in memoriam*). As duas orientadoras sabiam Língua de Sinais, o que possibilita a comunicação.

Verdade. Tinha facilidade com a leitura, pois estudei em escola bilíngue e tenho uma família ouvinte que adquiriu essa subjetividade linguística. Entrei na graduação e não tive nenhuma situação de dificuldade, mas o Mestrado é um pouco diferente porque o tempo é curto, um período de dois anos, bem diferente da graduação que parece leve, mas a pós-graduação é mais difícil, tem muitas leituras, o tempo de pesquisa é pouco, o tempo de organizar os textos, também. Para a produção da escrita da minha dissertação, eu preferia a produção de um vídeo de Libras que, ao finalizá-lo, enviava para a intérprete de Libras que fazia a tradução para a língua portuguesa. Pronta a tradução, a intérprete me enviava o texto, lia o português, às vezes concordava ou não com as palavras, pois compreendo bem o português, o que faz do processo mais rápido se comparado à necessidade de digitar, caso optasse pelo não envio do vídeo, teria de digitar, cuidar o limite de palavras, pensar as

estruturas linguísticas e as palavras do português. Assim, prefiro o vídeo em Libras, pois tenho mais vocabulário, uso a minha língua, a Língua Brasileira de Sinais, e o intérprete de Libras faz a tradução. Assim, ganho tempo, pois é muito mais rápido.

A cultura dentro da pós-graduação da UFRGS é de “incluir” e garantir a acessibilidade através dos profissionais intérpretes de Libras. Por vezes, sentia-me péssima porque pensava e explicava para o intérprete de Libras que digitava a tradução. Porém, por vezes, o intérprete de Libras não conseguia fazer a tradução, pois dependia do contexto e acabava que a tradução não ficava correta no texto. Com isso, contratei um intérprete de Libras particular, que conhecia o contexto do português com mais facilidade e, assim, evitava que eu tivesse que explicar novamente o contexto. Paguei de forma particular o intérprete de Libras.

Sim, na UFRGS eles disponibilizam o intérprete de Libras. Nas minhas aulas tinha dois intérpretes de Libras no presencial, e no remoto tinha três intérpretes de Libras. Há uma diferença que é, por exemplo, se uma disciplina desejasse o intérprete, mas um surdo solicitasse em outra, não teriam profissionais suficientes. Era preciso ir pela maioria dos alunos, nas mesmas disciplinas, como, por exemplo, na disciplina da Prof. Lodenir, em que ela sabia a Língua de Sinais, ou a maioria dos surdos precisava estar em outra disciplina e solicitar o intérprete de Libras naquela disciplina. O principal é a quantidade de surdos juntos na mesma solicitação para a mesma disciplina. O aluno que tem bolsa, por exemplo, também era obrigado a participar das reuniões, acompanhado de um intérprete de Libras. Escolher a disciplina não dava porque o intérprete de Libras tinha muitas demandas. Mas algumas pessoas sabiam Língua de Sinais, a exemplo disso é a disciplina da Prof. Lodenir, que tinha cinco mestrados surdos e que podiam fazer grupos, comunicar-se por e-mail, sem a necessidade do intérprete de Libras.

Comecei a aprender, de fato, na pós-graduação, porque na graduação até que tinha disciplinas que o professor(a) pedia resenha, resumos, TCC e outros. Eu aprendi e sabia explicar as dicas que aprendi na graduação, desde o começo. Os professores explicavam os detalhes, passo a passo, instigando o conhecimento e a produção. Óbvio, os intérpretes de Libras apoiavam, explicavam as dicas para os universitários surdos para aprender a escrever em língua portuguesa. Antes, eu não entendia que resenha e resumo não eram a mesma coisa. É algo diferente. A monografia eu nunca tive, mas fiz artigos porque o curso de RH pedia artigos científicos e o Curso de Letras-Libras só pedia relatório final e em vídeo, usando Libras. No Mestrado era o dobro de produção e leitura. Aprendi a ler os livros solicitados pela minha orientadora.

Prefiro usar a produção de um vídeo em Libras, porque a Libras tem que demonstrar o que é produzido nas mãos, sinalizado, mais rápido do que digitar na língua portuguesa e

parece que no português faltam informações. Percebi isso, testei com um vídeo em Libras que enviei para o intérprete de Libras para a tradução e era um vídeo longo que na tradução, comparando a escrita, ficou bem menor, bem diferentes. Sinto mais segurança no vídeo em Libras porque é a minha língua. Mas, às vezes, nós, surdos, não utilizamos palavras difíceis, mas palavras repetidas, e o intérprete de Libras vê isso e sabe quais palavras estão repetidas e pensa nas possibilidades de colocar essas palavras no texto. Também dependia, porque às vezes não tinha tempo para produzir um vídeo em Libras e digitava em língua portuguesa. Encontrava minha orientadora uma vez por semana para orientação e ela lia os textos e eu sinalizava, também, para ir acrescentando no texto com as palavras corretas. Isso me ajudou muito.

Sim, eu aprendi com a orientadora Lodenir sobre o “fichamento da leitura” e fazia uma tabela dos artigos que lia, destacando os de interesse, colocando o número da página, citação, porque facilitava ao digitar em língua portuguesa e retornar na tabela para encontrar qual o livro, onde encontrar e depois só digitar. São muitas leituras e isso ajudava a não esquecer. Usava muito o fichamento de leitura.

Na UFRGS é regra, ordem do texto para o intérprete de Libras, para que ele leia o texto, depois marcar o dia do encontro com ele para sanar as dúvidas sobre o texto e, também, para sinalizar para o intérprete de Libras e ele fazer a tradução para o português. A UFRGS já formou bacharéis com experiência, mas têm algumas que ainda têm algumas limitações na tradução e interpretação. O surdo explica e o intérprete de Libras não entende a Libras dele, o que limita muito. É preciso contato com surdos para adquirir experiência para a tradução em Libras. Meu intérprete me acompanha na formação da graduação e especialização e sempre faço vídeo em Libras e junto o texto por link. A orientadora percebe ao ler o texto da dissertação que o intérprete de Libras não tinha formação e pouco contato com a comunidade surda por causa do uso de algumas palavras não utilizadas. O intérprete de Libras deve ter formação, ser fluente e ter conhecimento da minha linha de pesquisa para a produção escrita. É complicado.

Na UFRGS têm os intérpretes de Libras da instituição, mas, por vezes, não tínhamos o mesmo pensamento, então preferia pagar um intérprete de Libras externo. Há a possibilidade do mesmo intérprete de Libras para a produção textual, mas é preciso marcar, porque nem sempre estão disponíveis. Por exemplo, um começa o texto, o outro assume e dá sequência, o contexto se perde e pode ficar umas frases soltas em português, o que pode dar problema. Eu preferi trabalhar sempre com o mesmo intérprete, então, preferi pagar do meu bolso o profissional.

Entrei na universidade porque não tinha algumas coisas na escola de surdos. Na escola aprendi o letramento visual, tinha um professor(a) de Libras, tinha material de Libras, mas me obrigava a aprender o português através de palavras em português. Na universidade tinha um intérprete de Libras, o que me mostrava a diferença da escola e da universidade: o(a) professor(a) da escola e a universidade na presença do intérprete de Libras, não conseguia copiar 100% por causa do intérprete de Libras e eu precisava ler o que estava correto no texto, por exemplo, para compreender o que tinha sido falado pelo professor, ou não. Com isso, precisava ler mais, se tivesse a mesma disciplina no outro dia. Ler o texto da disciplina, finalizar, e no outro dia o professor explicar com a presença de um intérprete de Libras. Mas se caso não lesse, não entendia o contexto, tanto do que era falado pelo professor quanto na tradução do intérprete de Libras, por isso era preciso não ler antes. É preciso ler todo dia e adquirir a subjetividade, pois sem isso não é possível captar. Minha reflexão sobre o letramento, desde o começo da universidade, percebi a diferença entre a escola e a universidade, além de ser maior minha responsabilidade e dever de ler mais, pois na escola essa prática eram raras as vezes, causando um prejuízo ao surdo.

Na minha opinião, a impossibilidade de escrita fluente do português é em função da qualidade da escola, pois faltou um ensino qualificado da escrita da língua portuguesa e da Libras. A escola só ensinava palavra-sinal e o surdo não entendia o sentido, dentro de um contexto, nem na subjetividade da escrita. E ser bilíngue é ser bom no português? Não, é difícil. É preciso o básico da educação através da leitura, o que ajuda na escrita, pois a maioria dos surdos não conseguem ler em português. Na minha opinião, desde o começo da escola é preciso praticar a produção escrita em língua portuguesa, o que depende do intérprete de Libras. Eu prefiro o uso de vídeos em Libras e sinto falta da escrita em língua portuguesa, o que facilita é a prática de leitura que fomenta a escrita em língua portuguesa, na minha opinião, desde a escola básica.

Você sabe que o Brasil tem como língua oficial a língua portuguesa e o surdo usa a Libras – Língua Brasileira de Sinais, que é uma minoria linguística. É uma língua oficial da comunidade surda, mas não é oficial da comunidade brasileira, ou seja, é apenas uma minoria. Essa minoria, você acha que vai assistir a um vídeo em Libras por seis ou três horas? O surdo se acostumou desde a escola com o bilinguismo que é mais fácil, em que digita em português, escreve, e o intérprete de Libras traduz. O vídeo em Libras pode ser usado no futuro porque no Brasil há muitos linguistas e teorias diferentes. Por exemplo, na leitura, quando não entende uma citação, traduz o vídeo em Libras para entender de forma clara o contexto do texto. Ou seja, pode traduzir direto para a Libras, a citação, ou traduzir o texto do vídeo de Libras. É preciso seguir um padrão para não ter erro em relação ao autor por falta de

entendimento do contexto do vídeo em Libras, pelo próprio autor da citação ser incompatível, entre outros exemplos. Prefiro saber os dois, a língua portuguesa e a Libras, lembrando que nasci no Brasil e saber as duas línguas possibilita o bilinguismo. Minha opinião, nessesentido, é pelo uso do bilinguismo, que possibilita ao surdo compreender simultaneamente o vídeo em Libras e o português na produção escrita da língua.

Sou bolsista de estudos desta universidade, da UFRGS. Consegui entregar o projeto de dissertação no prazo final estabelecido. Foi ótimo! Há um tempo longo para organizar o cronograma porque minha orientadora me orientava muito, uma vez por semana e eu consegui finalizar no tempo correto. Mas se caso não tivesse a bolsa de estudos, não sei responder a pergunta, pois acredito ser mais difícil de cumprir o prazo. Consegui entregar o projeto de dissertação no prazo final porque, por exemplo, eu só fiquei em digitar o primeiro capítulo e, ao finalizar, enviei ao intérprete de Libras a tradução para a língua portuguesa e, posteriormente, minha orientadora verificou o texto da dissertação. Após concluída essaetapa, passei para o capítulo 2, que continuei a digitar na sequência e assim aconteceu. Depois, perto do final, enviei o projeto de dissertação para o profissional intérprete de Libras corrigir a língua portuguesa para entregar no prazo final. Deu tudo certo. É preciso organizar um cronograma do projeto de dissertação. Essa bolsa de estudos ajudou muito, pois se não tivesse a bolsa de estudos o surdo teria ainda mais dificuldade de limitar o tempo e contar com um intérprete de Libras/tradutor. Eu senti mais facilidade porque tive a bolsa de estudos, procurei um intérprete de Libras particular e, assim, foi fácil. Além disso, mudar de intérprete não é algo legal. Eu sempre tive o mesmo intérprete de Libras do início ao fim do projeto.

Tenho bolsa de estudos e uso somente para pagar o intérprete de Libras. Se não tivesse, pagaria com o salário do meu emprego porque não adianta, a universidade não paga o intérprete de Libras. É preciso uma mudança na universidade em relação ao intérprete de Libras. É preciso separar os intérpretes das disciplinas do Mestrado e os tradutores/intérpretes dos estudantes do Mestrado e Doutorado para auxiliar na produção da escrita acadêmica. Eles não devem ser misturados e atender tudo. Com minha bolsa de estudos eu pago o intérprete de Libras.

Participante 3:

Xuxa Meneghel, tenho 39 anos, surda, graduada em Sistemas de Informação, graduada em Letras-Libras, Especialista de Docência em Libras, Mestre em Ciências Sociais e Doutoranda em Ciências Sociais em andamento. Pensei em fazer o Mestrado em uma área, procurei o curso nas instituições de Santa Maria, Porto Alegre, entre outras. Descobri alguns

editais abertos e outros não. No edital aberto, informei-me sobre os cursos nessa área e os detalhes. Também pesquisei áreas que combinassem com a que queria. Comecei a fazer o Mestrado. Eu vi quais linhas de pesquisa tinha nessas instituições, quais temas abordavam no curso e que combinavam com a minha dissertação de Mestrado, com o que gostaria de pesquisar. Depois, no Doutorado, segui na mesma linha de pesquisa.

No Mestrado, o orientador não sabia Língua de Sinais e nem como o surdo sinaliza. Nada. Para a comunicação entre nós, tínhamos que chamar o intérprete de Libras para acompanhar, explicar, interpretar e mediar. Atualmente, no Doutorado, o orientador também não sabe Língua de Sinais, pois é o mesmo do Mestrado. Não conhece nada e sempre conta com a ajuda do intérprete de Libras para mediar a comunicação. O mesmo aconteceu no Mestrado e no Doutorado. Para a produção da escrita acadêmica é importante a leitura dos livros e autores que têm relação com o Mestrado e Doutorado, através de dissertações e teses.

Minha experiência desde o Mestrado é que leio livros recomendados relacionados à dissertação, sobre o tema, organizo, penso e reflito para produzir o texto. Logo após, digito em língua portuguesa, envio para o tradutor/intérprete de Libras para corrigir a língua portuguesa da dissertação e encaminho para a orientadora verificar tudo que está no texto. O texto volta com algumas orientações da professora, dicas e sugestões para a dissertação. Isso é normal. Encaminha, geralmente, o projeto de dissertação para o intérprete de Libras e depois para a orientadora. Também, no Doutorado, sinto que aprendo em um nível de conhecimento bastante avançado porque, desde o começo do Mestrado, eu aprendi a buscar esse conhecimento. No Doutorado já sabia como era no Mestrado, mas com mais aperfeiçoamento no estudo e na leitura desse processo de escrita, na minha segunda língua.

Minha experiência no Mestrado teve o acompanhamento do intérprete de Libras para corrigir a escrita em língua portuguesa. O intérprete tinha dificuldade com os horários e eu procurei outro intérprete de Libras, que não conhecia a dissertação. Expliquei novamente o processo, mas acabou tendo problemas de horário, também. Muito ocupado. Procurei outro intérprete de Libras e, com isso, percebi que não é bom trocar de intérprete. Agora, atualmente, no Doutorado, tenho só um intérprete de Libras, que conhece o contexto relacionado ao começo, meio e final da minha tese e iremos juntos até a defesa. Ele já sabe os temas relacionados ao estudo. Minha experiência no Mestrado teve algumas falhas do intérprete de Libras. Aprendi com isso e, agora, tenho cuidado. No Doutorado, tenho um único intérprete de Libras para o projeto de tese.

Aconteceu igual no Mestrado e no Doutorado. Durante as aulas em sala de aula, as disciplinas têm o acompanhamento do intérprete de Libras e nos grupos de trabalhos científicos para discutir os textos que o professor mandava para todos, para conversarmos o

que tinha ficado compreendido. Porém, quando o intérprete de Libras não estava junto, fora do horário, no grupo de pesquisa, os colegas ouvintes que não conheciam a Libras faziam a comunicação pelo *WhatsApp* e marcavam no texto, dividimos, organizamos o texto e compartilhamos com os colegas pelo *WhatsApp* para discutir sobre, dar sugestões e ensaiar a apresentação acompanhada do intérprete de Libras no grupo. Para a apresentação, o professor era quem dava início. Cada professor tinha uma estratégia para que a comunicação acontecesse.

Lembro que foi na escola de surdos, na disciplina de Língua portuguesa: a resenha, interpretação de texto, produzir a escrita, diversas formas. Mas lembro também que alguns professores pareciam me olhar: “coitado, é surdo”. Não, não acho assim. Parecia que pensavam que para o surdo era suficiente pouca matéria. Não, eu não queria pouca. Queria aprender a língua portuguesa e devia ser ensinada e explicada nos detalhes, como, porexemplo: gramática correta, os verbos, e o surdo devia aprender as informações para aprender. Deviam ensinar. Mas por medo de errar, por vezes, eu desistia. Aquilo me deixava nervosa. É importante aprender e ter paciência. Errar e aprender o certo.

Eu reconhecia a necessidade de ampliar o vocabulário que a escola me dava a base, ensinava-me através da leitura de livros, materiais para ajudar a aumentar o vocabulário, no processo de conhecer as palavras. O surdo, por vezes, usa um vocabulário pobre porque não lê muito, ou porque desistiu de aprender. É preciso assumir a nossa segunda língua na modalidade escrita, nesse caso a língua portuguesa (LP), por causa da comunicação social. Por exemplo, o surdo que não assume a importância de aprender a língua portuguesa e para de estudar, depois, ao ingressar na universidade, terá mais dificuldade na escrita da língua portuguesa. Percebi que, eu, ao ler textos de outros surdos em português, não entendia o texto deles porque eram bem diferentes. Não conseguia compreender o texto. Eu aprendi muito e o que aprendi me ajuda nessa parte científica-acadêmica de artigos publicados, regras. Tudo para adquirir o conhecimento, entender a subjetividade através do texto, entre outras questões. Imagino os outros surdos... É importante a leitura, sim.

Pra mim, o melhor jeito é se acostumar com a leitura, buscar compreender e saber explicar na língua portuguesa, na escrita. Não é difícil gravar o vídeo em Libras, mas busco explicar claramente digitando o texto em língua portuguesa e enviando para o intérprete de Libras para fazer a tradução e correção. Caso o intérprete não entenda o texto, ele me pergunta. Se caso ele não entenda uma frase, eu explico ao gravar um vídeo em Libras com a frase do texto. O vídeo é para o intérprete tirar a dúvida ou eu procuro um outro estudante de Mestrado e peço dicas para melhor sinalizar e entender a frase ou palavra no vídeo em Libras. Os surdos preferem fazer vídeos em Libras, com produção em Libras, do que escrever o texto.

No Mestrado e no Doutorado, a minha experiência era/é enviar o texto para o intérprete de Libras, que configura o texto e corrige a língua portuguesa em um nível superior de língua. Além disso, o profissional relaciona os conceitos, contextualiza o texto de forma correta e não deixa palavras e ideias soltas. O profissional tradutor sempre ajuda muito, não somente no Mestrado e Doutorado.

Na instituição privada, no Mestrado, o intérprete de Libras era pago para acompanhar as aulas em sala de aula, dentro do horário estipulado. Para a dissertação, eu pago particular. No Doutorado, a universidade paga os intérpretes de Libras. Para a minha tese, eu pago particular a correção do projeto de tese.

A leitura é mais difícil para o surdo. O ouvinte tem mais facilidade. Perguntei para alguns colegas surdos e eles falaram das dificuldades que encontram na compreensão textual e acabam “voando” para explicar, como, por exemplo, filosofia, sociologia. O letramento é importante porque o intérprete de Libras tem conhecimento e experiência com a palavra, porque no Mestrado o nível de cobrança é maior, se relacionado ao conhecimento do Ensino Superior, o que exige mais do profissional tradutor/intérprete de Libras. Com isso, o profissional tradutor/intérprete de Libras que acompanha o surdo na pós-graduação também precisa ter uma escrita qualificada, com riqueza de vocabulário.

O intérprete de Libras traduz oralmente e também traduz a escrita, ao passar para a língua portuguesa o texto, o que demanda mais atenção. Para essa tradução do texto escrito, o surdo deve procurar um profissional TILS com formação, qualificação e específico na área. Porém, infelizmente, na minha área de atuação, Ciências Sociais, a maioria dos intérpretes de Libras não têm essa formação. É importante esse cuidado, pois há diferentes metodologias e técnicas em cada área. A maioria dos tradutores e intérpretes de Libras possuem formação em Educação, Comunicação e Linguística. A área das Ciências Sociais é bem diferente, pois acompanhar o estudante de Mestrado tem que ter conhecimento das diferentes metodologias.

A minha opinião é de que a leitura é importante. A produção é mais fácil na Libras, pois na língua portuguesa é mais complexa. É preciso perguntar o significado, pedir explicação para aprender a língua portuguesa, mas ser bilíngue é muito importante.

Não tenho resposta, pois ainda se discute o porquê das instituições obrigarem que os textos sejam escritos em língua portuguesa, como monografias e artigos para publicação. Um exemplo disso é a pessoa estrangeira que está no Brasil, estuda aqui e no intercâmbio para ingressar no Mestrado e Doutorado, essa pessoa usa outra língua, como espanhol, francês, italiano ou britânico. Fico curiosa para saber de colegas estrangeiras: a espanhola e outra do Cabo Verde, na África, como eles escrevem? A resposta é que a língua portuguesa é oficial e usada para essas escritas acadêmicas. Penso que o surdo precisa dessa segunda língua, a

língua portuguesa. Lúcia, a estrangeira, usa sua segunda língua. Refletindo sobre, acredito que os surdos se sentem mais confortáveis e são a favor do uso do vídeo em Libras. Agora, não dá para responder a pergunta, pois é muito polêmica. É importante ter respeito para com a comunidade surda e a Libras.

Combinei com minha orientadora do Mestrado as modificações que teria de fazer e combinamos um prazo. Marquei com o tradutor/intérprete de Libras para a correção do texto. A exemplo disso, enviei duas semanas antes o texto do Mestrado para correção para o tradutor/intérprete de Libras trabalhar no texto, respeitando o prazo da orientadora. Consegui enviar o projeto de dissertação para a orientadora. Dependendo do tradutor/intérprete de Libras que tem responsabilidade, entrega o texto no prazo determinado, outros, não. Eu, doutoranda, não atrasei na entrega do projeto de tese e tive que ser rígida com o tradutor/intérprete de Libras para respeitar o tempo de fazer a tradução para a língua portuguesa, dentro do prazo. Infelizmente, a maioria dos tradutores/intérpretes de Libras geralmente estão enrolados e perdem um pouco do compromisso com os prazos. Porém, quando isso acontece, sempre aviso a orientadora de que o texto está demorando em função do tradutor/intérprete de Libras que está trabalhando na correção do texto e ela sempre compreende.

Essa instituição pagou o tradutor/intérprete de Libras, no horário funcional, durante as aulas, eventos, entre outros. Eu pago particular o tradutor/intérprete de Libras para a correção da dissertação, de artigos, livros e de outros eventos.

Participante 4:

Juliana Paes, tenho 41 anos de idade, formei em licenciatura em Arquitetura e Urbanismo, mestra em Educação e doutora em Ciências da Comunicação. Quando fiz um trabalho voluntário no curso de Libras da UFRGS, participei como aluno especial da disciplina ministrada pelas professoras Lodenir Karnopp e Adriana Thoma (*in memoriam*) há dois anos atrás. Logo após, fiz uma proposta do projeto e, juntamente com outros quatro surdos, tentamos ingressar no Mestrado ao fazermos a inscrição para seleção.

Na linha de pesquisa do Mestrado em Educação, com foco na cultura do Sul e sua subjetividade, buscava pesquisar, naquele momento, no ProLibras a falta de registro de pessoas surdas, e, a partir disso, construir a pesquisa do Mestrado. Na linha de pesquisa do Doutorado, na área de Ciências da Comunicação, participei de outra linha de pesquisa, a interação entre Cultura e Tecnologia da Comunicação, orientada pelo Prof. Alfredo, que era ouvinte, não conhecia os surdos da comunidade surda. De forma mais específica, queria pesquisar o porquê que o Orkut foi extinto, pós *Facebook*, *WhatsApp* e redes sociais que se espalharam na mídia.

Era a comunicação e uso de surdos da terceira idade e dos jovens que tinham contato com esses surdos.

Minha primeira orientadora, que foi no Mestrado, sabia língua de Sinais e era a Prof. Lodenir Karnopp. Nas atividades de “roda de conversa”, com colegas ouvintes, era preciso o acompanhamento de um tradutor/intérprete de Libras. Mas se caso os ouvintes não estivessem presentes, nós conversávamos em Libras, minha L1. Meu segundo orientador, que foi no Doutorado, falava em língua espanhola e com isso procurei um tradutor/intérprete de Libras que conhecesse bem a língua para fazer a tradução e participar da orientação, fazendo a mediação entre língua espanhol, língua portuguesa e Libras.

Minha família me educou sempre com muita leitura para o meu crescimento. Para mim é mais difícil escrever em língua portuguesa do que ler. O Mestrado começou e me dediquei, mas percebi que era bem melhor usar a Libras, pois tinha mais interação com o conhecimento usando a Libras. Sentia falta de usar a língua portuguesa, mas meu conhecimento é menor, inferior, e eu deveria me dedicar mais e aprender. No Doutorado, o professor não era rígido e dizia não se importar se usasse a Língua de Sinais, pois segundo a história acadêmica, há trabalhos que falam sobre essa língua para publicação. Tentou me estimular a leitura mais focada nas línguas espanhola, inglesa e portuguesa nos quatro anos e eu melhorei porque meu orientador me dava os livros para ler. No Mestrado, minha orientadora participava da comunidade surda, palestrava sobre a Libras e participava. No Doutorado, não. Meu orientador só dizia para eu ler e depois escrever sobre. Ou seja, tive uma experiência bem diferente.

Não. No Mestrado eu me dediquei sozinha a digitar e depois mostrava para a minha mãe a estrutura. Minha mãe me ensinou as palavras, mas me avisava que no Doutorado eu faria sozinha. Com muito esforço, prometi e li muito. Nessa experiência de Doutorado, a coordenadora do curso me deu os livros com publicações de tese e com eles interagia com meus colegas ouvintes. Comecei a entender o mundo acadêmico. Fiz toda a digitação do meu trabalho de Doutorado sozinha. Não tive acompanhamento de tradutores e intérpretes de Libras.

Na sala de aula tinha tradutor/intérprete de Libras simultâneo, mas fora da sala de aula eu não tinha. Fazer trabalho era sozinha e o contato com os colegas era pelo e-mail. Sobrava algumas horas do profissional tradutor de Libras e eu aproveitava para anotar, porque a universidade pagava o tradutor e intérpretes de Libras por três horas e, por vezes, usava esse tempo que sobrava das três horas para solicitar nos encontros para fazer trabalho com os colegas.

Produzi mais textos no Doutorado, porque no Mestrado usava mais vídeos em Libras, menos na escrita do artigo final, pois a Língua Brasileira de Sinais, como L1, é pouco publicada. O Doutorado exigia mais publicações acadêmicas: resenhas, trabalhos com prazos de entrega, artigos com 12 ou 15 páginas e eu digitava tudo em língua portuguesa para entregar. Entreguei muitos textos em minha segunda língua, a língua portuguesa. Se tinha dúvida, chamava o tradutor/intérprete de Libras. Meu orientador de doutorado sempre valorizou o surdo.

O vídeo em Libras, que era traduzido para a língua portuguesa escrita, mas depois eu percebi o tanto de tempo perdido. Pensei no esforço de pegar o livro, formar o pensamento, é algo difícil para o surdo, pois construir o pensamento através das palavras na primeira língua, na língua de sinais – L1, depois na segunda língua, na língua portuguesa – L2, e depois escrever o texto. Não é fácil. Às vezes, procurava o sentido da palavra, depois da leitura no livro ou buscava direto no computador. Uma pessoa ouvinte me ajudou com a estrutura da língua portuguesa, pois já tinha experiência com a língua portuguesa dos surdos, cuidando da coerência com as palavras e me explicando as regras do português e a importância de contextualizar o texto. Repetidamente treinei e consegui melhorar. Nunca produzi. No Mestrado foi ofertado o tradutor/intérpretes de Libras e no Doutorado também. Isso na UFRGS. Lembro que na graduação em Arquitetura e Urbanismo tinha disponibilidade de tradutores/intérpretes de Libras, pois a instituição pagava metade do valor e eu desembolsava a outra metade.

O tradutor/intérprete de Libras não tinha disponibilidade de traduzir os textos dos surdos. Lembro que publiquei pela primeira vez junto com um tradutor/intérprete de Libras. Ele me enviou o texto, li, não era minha língua e, pelo contexto, falei que o português estava incorreto, mas o tradutor/intérprete de Libras falou que estava correto o português e precisamos discutir sobre a ideia geral. Eu paguei para o tradutor/intérprete de Libras, mas mostrei para a minha mãe o texto, que leu meu artigo e disse que estava tudo errado com as ideias do tradutor/intérprete de Libras. É preciso conhecer a área de arquitetura, caso contrário, não adianta a tradução da língua portuguesa. Percebi que era mais fácil digitar sozinha o português e depois procurar um tradutor/intérprete de Libras que conhecesse a área da Linguística e a da Letras.

Desde meus 9-10 anos de idade comecei a escrever em caderno pequeno e também lia os livros com palavras difíceis em língua portuguesa. Ou seja, construí um vocabulário, o que para o surdo, essa falta de informação de novas palavras dificulta bastante, mas não deixa de estar presente na televisão, em informações e entre os falantes. Ao encontrar os ouvintes, ao conversar, há palavras que não conheço, que antigamente significava algo e que, agora, não

mais. E, por isso, o surdo não tem culpa de não entender a língua portuguesa em um mundo cheio de palavras novas. Diferente da realidade da Libras, que usa uma linguagem visual, feita com as mãos e que apresenta uma continuidade, não variando. Há um equilíbrio.

Já conversei sobre isso com o coordenador do curso, explicando a possibilidade de gravar em DVD, em Libras, mas me salientou que é possível, mas que não é, ainda, uma forma oficial. Porém, é um novo começo, pois alguns estados já publicam esses trabalhos em Libras, mas que para publicações em revistas, editoriais, ainda é necessário que seja em língua portuguesa. É importante e necessário que primeiro use a língua portuguesa e em um segundo momento a Libras, ou que ambas as línguas estejam juntas, dividindo espaço.

No Mestrado, finalizei com dois anos e o Doutorado fiz em três anos e meio. Tive aprovação nos dois. O tradutor e intérprete de Libras eu não paguei nada. Só pago quando tenho dúvidas com as palavras ou preciso enviar e-mail.

Participante 5:

André Marques, tenho 43 anos de idade, formado em licenciatura em Pedagogia, especialização em Educação, Mestre em Educação e doutor em Educação. Participou da pesquisa do grupo de professores da UFPEL. Abriu o edital do Mestrado em Educação da UFPEL, inscrevi-me, mas antes conversei com o grupo de pesquisa dos professores. Resolvi participar.

Eu escolhi porque tinha orientação, experiência na área de surdos, contato com surdos desta linha de pesquisa e porque sou professor da UFPEL, por isso me matriculei nessa linha de pesquisa. Era mais fácil entender, tinha comunicação com a área de surdos, tinha a possibilidade de acompanhar a orientação, pois escolhi a temática da minha pesquisa junto com a minha orientadora.

Tinha três formas de orientação: por Libras, por conversa informal ou por tirar dúvidas para compartilhar em discussões. Mas se caso precisasse discutir algo mais formal, devia chamar o tradutor/intérprete de Libras da UFPEL para possibilitar uma comunicação mais formal. Também nos comunicamos por e-mail para sanar dúvidas.

Sempre produzi a escrita juntamente com um tradutor/intérprete de Libras, que me entregava o texto pronto, traduzido. Tinha experiência de digitar, escrever em língua portuguesa, mas entregava para o intérprete de Libras para fazer a tradução e a correção. Achava bem difícil traduzir e ficar tirando dúvidas, então, achei melhor eu e o tradutor/intérprete de Libras sentarmos juntos, discutir a compreensão do texto na produção de artigos e da dissertação. Meu Mestrado e Doutorado tiveram a mesma intérprete de Libras da UFPEL e outra externa da instituição.

Dependendo, primeiro, na experiência do Mestrado, tive o acompanhamento de uma intérprete de Libras, mas ela não tinha muitos horários disponíveis. Os intérpretes de Libras da instituição têm poucos horários, mesmo com o fim das aulas. Era muito pouco tempo livre e, por isso, preferi uma intérprete de Libras externa para conseguir dar andamento no trabalho.

Depende. Por exemplo, meus colegas estudavam em sala de aula e o intérprete de Libras acompanhava a discussão, a interação. No Mestrado e no Doutorado era mais difícil fazer os trabalhos externamente. Quando tem apresentação de trabalho, no horário de aula e não presencial, para aproveitar a discussão e apresentação do grupo, precisava de acompanhamento do intérprete de Libras. Às vezes, o professor(a) tem compromisso de viagem para palestrar no mesmo horário da aula e, com isso, aproveito a disponibilidade do intérprete, porque ele estaria em horário de demanda com a turma, e utilizo esse tempo para, junto com o grupo, no mesmo horário de aula, fazer o trabalho. Muitos colegas têm emprego, estudam e não têm horário livre, por isso opto sempre pelo mesmo horário da aula, na universidade, para ter a presença do intérprete de Libras. É difícil combinar um horário fora do horário de aula. Se os surdos têm disponibilidade e fazem parte do grupo, conversamos em Libras sem precisar de intérprete.

Sempre faço com a ajuda do intérprete de Libras, mas tenho autonomia na digitação do texto em língua portuguesa, juntamente com meu intérprete de Libras. É mais fácil produzir em Libras e traduzir para a língua portuguesa, rapidamente. Ou, também, com a minha intérprete, juntos, em uma conversa, produzimos, pois ela sabe o contexto do texto. Quando é algo específico, um congresso, a intérprete de Libras digita e depois envio para a minha orientadora para correção do conteúdo e encaminhamento para o congresso. Um artigo, por exemplo, o professor(a) pediu que ao finalizar a qualificação, que eu fizesse um e que era lido pelo intérprete de Libras e entregue para a orientação. Se é uma proposta para outra universidade, como a Universidade Federal de Santa Catarina, que pede um artigo, produzo um vídeo em Libras para enviar para UFSC, se puder escolher a opção de escrita em língua portuguesa ou em vídeo em Libras, escolho a Libras na produção de um vídeo, como fiz em uma proposta de trabalho final de duas disciplinas da UFSC. Na UFPEL, somente é aceita a escrita do texto em língua portuguesa.

Tem dois elementos estratégicos e seguros: o intérprete de Libras tem conhecimento do tema e contexto, eu produzo em Libras e o profissional da tradução passa para a língua portuguesa. Eu leio o texto e envio, pois o meu jeito de escrever demora mais, diferentemente se fosse produzido em Libras com tradução do intérprete de Libras. Fazer o vídeo em Língua Brasileira de Sinais é mais fácil, mais fácil para a criação de tópicos e tem também os vídeos com resumo em Língua Brasileira de Sinais, que conta com introdução, desenvolvimento,

objetivos, metodologia, conclusão, ou seja, eu sempre fiz os artigos nessa ordem para enviar, usando a Libras, pois me sinto mais seguro. Na escrita utilizando a língua portuguesa, acabo demorando mais e como estratégica prefiro ser acompanhado pelo intérprete de Libras. Mas não tem horário certo para acontecer as ideias e aí chamo o intérprete que, por vezes, não está disponível, somente no horário já agendado. Com isso, para não perder as minhas ideias que vêm a qualquer horário, fazia anotações, pois muitas vinham quando viajava de ônibus, ao refletir e anotava para passar para o intérprete de Libras, quando disponível.

Outra possibilidade era ler e marcar com a cor amarela as palavras do texto e tirar dúvidas por, às vezes, cometer o erro de entender errado e, assim, marcar para o intérprete de Libras que traduzia até mesmo uma citação. A exemplo disso, eu entendo o português, mas minha amiga me ajuda a entender o contexto, principalmente as citações que eu confirmava para saber se tinha entendido certo. Nos artigos publicados, na minha tese e dissertação, nos trabalhos escritos, eu sempre tive o acompanhamento do intérprete de Libras para ler o texto e tirar dúvidas.

Não. No meu texto troquei três vezes o intérprete de Libras: a primeira que me acompanhou era da UFPel e tinha dificuldades no texto escrito em língua portuguesa e minha orientadora também notou algumas dificuldades de clareza no texto; a segunda intérprete de Libras já tinha experiência do Mestrado, já tinha trabalhado com outros alunos e ela escrevia do meu jeito na tradução para a língua portuguesa. Na qualificação, o professor ressaltou que o texto tinha a minha marca e não a do profissional intérprete de Libras. Mas a intérprete teve de sair de licença e eu tive que procurar outro intérprete de Libras para o Doutorado. No Doutorado, a intérprete já tinha experiência de tradução da Libras para a língua portuguesa. Acompanhei o intérprete no processo de adaptação para a língua portuguesa. Na banca do Mestrado, os professores já sabiam que não tinha sido o intérprete de Libras que tinha escrito e deixado a marca dele predominantemente no trabalho, mas meu próprio texto, com o meu jeito particular. Na banca de Doutorado, nada foi dito a esse respeito.

Nas aulas da UFPel são gratuitas a presença do intérprete, mas o profissional externo precisa de organização: marcando data e horário com antecedência. Os intérpretes da UFPel têm muita demanda e não têm tempo.

Minha experiência é na minha língua, na minha L1, a Libras e a língua portuguesa, minha L2, é bem mais simples. Enquanto acadêmico, aprendi através de um livro, pela leitura das palavras acadêmicas, na área da Educação, por exemplo, a palavra “vistas” que em outra área, na área da Linguística, a mesma palavra tem outro significado. São conceitos diferentes, mas sempre aprendi, no Mestrado e no Doutorado, desde o começo da universidade, busquei incluir palavras novas, com diferentes significados para o meu

entendimento. Por exemplo: “sujeito” não é a pessoa, significa o sujeito surdo, na área da Educação. Já, na Linguística, utiliza-se “a pessoa surda”, o que é bem diferente. Mudei muito desde o início da graduação em relação à comunicação dos surdos, porque na graduação é diferente da escola. O nível de língua e de exigência é bem maior na escrita.

Sim, sobre o meu crescimento, poderia ler mais. Poderia usar as palavras que aprendi e não decorá-las a partir da leitura de um determinado contexto. No uso do português tenho dificuldade de ler os verbos, palavras no passado, e não queria decorar as palavras. Tem palavras com significados que leio e acho que é algo, mas não é. Esse é o problema do meu português. Lembrei de uma experiência, que foi no começo da vida acadêmica em que li o texto, o contexto compreendi, mas tinha dificuldade de ler e entender. Perguntava e depois conseguia decorar, mas ficava pensando nas possibilidades de tradução da leitura, buscando entendimento para refletir sobre. Sabia que no futuro precisaria ler muito o português, o que me ajudaria nos vídeos em Libras, na questão das legendas em português, que não tinha antigamente. É importante ler para facilitar a escrita na língua portuguesa, pois se o surdo não lê, como escreverá em língua portuguesa? É importante ler, é importante que a família estimule a leitura, pois isso ajuda muito. Minha experiência com minha esposa é que ela lia muito mais em língua portuguesa e estimulava para que as nossas filhas surdas também praticassem o hábito de ler na primeira língua, na Libras, e na segunda língua, a língua portuguesa.

Gosto mais da minha dissertação do que da minha tese, porque na dissertação eu aprendi muitas coisas sobre a subjetividade de ler, estudar as aulas e o aprendizado que tive pelas orientações, pela pesquisa, pelas entrevistas, pelas conversações de forma pessoal, enfim, o uso da Libras para as entrevistas filmadas, que, ao finalizá-las, assistia o vídeo através do link. Gostei mais de fazer a dissertação. A tese é bem diferente do método, pois tive encontro pessoal e, também, pela *webcam* nas entrevistas, pois alguns entrevistados moravam longe e eu não conseguiria viajar em função das despesas e a pós-graduação não ajudava financeiramente. Fazia os registros das entrevistas em vídeos de conversação em Libras e podia recorrer a eles para dar seguimento no processo. No doutorado foi diferente porque só usava a *webcam*, um jeito mais frio de realizar as entrevistas, eu acho.

Na UFSC há uma revista em Libras, com vídeos, mas o problema dessa forma de registro é que cansa ver o vídeo em Libras, assistir o vídeo inteiro, mesmo tendo intérprete que é um ponto positivo. Por exemplo, ler um texto dá para fazer uma pausa de alguns minutos, reler o texto, assistir o vídeo em Libras, se necessário. No que compete ao vídeo, dura, por vezes, oito horas para assistir e isso é cansativo, diferente da leitura de um livro que dá para pausar, repousar, bem diferente do vídeo. Acho importante o vídeo em Libras, mas

depende muito também se a escola ensinou, ou não, como filmar o vídeo em Libras e adequá-lo. Não tenho experiência nisso, mas soube que há uma banca avaliadora para isso. No vídeo, por exemplo, há capítulos que duram duas horas e meia para assistir e é preciso fazer uma pausa e repousar porque não costumo assistir direto, o que é algo bem diferente do filme que é normal ficar esse tempo assistindo.

Primeiro, no Mestrado, consegui entregar o projeto de dissertação um mês antes do prazo de entrega: no horário certo, com correção e configuração do texto da dissertação. Tudo certo. No doutorado, o prazo foi respeitado, mas com entrega marcada para 20 dias antes da minha defesa, porque no Mestrado tem tempo para a orientação, para organizar, finalizar e entregar para a banca, o que é bem diferente do Doutorado, que tive o prazo adiantado, pois faltava configurar o português. Tive pouco tempo para corrigir e entregar, o que aconteceu bem perto do dia combinado.

Na verdade, no começo, quando consegui ingressar no Mestrado, não tinha bolsa de estudos da universidade. Eu trabalhava na prefeitura e ganhava recurso para pagar o intérprete de Libras porque era preciso para a minha carreira profissional. Desde o começo do processo da UFPel, percebi que não funcionava ter o intérprete de Libras da universidade e optei por pagar o intérprete de Libras particular porque era a minha carreira profissional que estava sendo desenvolvida e precisava, também, publicar artigos científicos com correção do português e configuração de texto. Eu mesmo quem pagava. Acho importante a universidade disponibilizar uma bolsa/auxílio, pois lembro da minha amiga que conseguiu ingressar e com a bolsa pagava o intérprete de Libras. Eu não, eu paguei o profissional com o dinheiro do próprio bolso. É complicado a questão de valores porque é um acerto com o intérprete de Libras, depende do número de páginas, depende do português e diversos fatores relacionados à configuração do texto. No Mestrado e no Doutorado paguei o intérprete de Libras particular.

Participante 6:

Robert De Niro, tenho 48 anos de idade, graduado em Educação Física, graduado em Letras-Libras, Mestre em Educação e doutor em Educação. A UFRGS divulgou o edital do Mestrado e no ano anterior eu tinha feito o curso; fiz uma disciplina como aluno especial. Eu já estava no Curso de Letras-Libras, sendo aluno da Prof. Lodenir Karnopp. Foi na UFRGS que descobri o Mestrado, decidi fazer minha inscrição e fui aprovado.

Porque escolhi olhar para a Libras, a acessibilidade, o lugar do intérprete de Libras e fiz minha pesquisa na linha de pesquisa dos Estudos Culturais, após ter cursado a disciplina como aluno especial, que estava ligada às questões de cultura. A UFRGS tem acessibilidade

ao disponibilizar o intérprete de Libras, o que torna tudo mais fácil, além da minha orientadora também saber Libras.

A orientadora, Prof. Lodenir, sabia a Língua de Sinais e a comunicação era bem tranquila.

Boa pergunta. Não começou no Mestrado e no Doutorado, mas na graduação em Letras Libras, no ano de 2006, que tinha tradução de Libras e de língua portuguesa e onde as aulas tinha intérpretes de Libras. A tradução era oral (voz), focada na Libras e no bilinguismo. Eu busquei estratégias para aprender a segunda língua, a língua portuguesa, que desde a escola sempre foi péssima a experiência nessa língua. No Curso de Letras-Libras eu aproveitava para praticar o português e tinha muita curiosidade pelas aulas de tradução em Libras e em língua portuguesa, mas não prestava atenção no intérprete de Libras, mas cuidava português de forma visual e treinava para ver se conseguia entender e outro intérprete de Libras explorava a interação com mais facilidade de entendimento.

É preciso ler mais, na prática, não só os surdos, mas também os ouvintes. É preciso praticar através do uso do computador, cam, chat, mensagem, usando sempre o português. A leitura de jornais, revistas e livros são meios de busca de informações e que ajudam no contato com o português. Depois do Mestrado vi que a dificuldade com a escrita do português não era só dos surdos, mas dos ouvintes também, e até comentei isso com a minha orientadora, Prof. Lodenir, que concordou. Embora, os falantes do português tenham mais facilidade. Na leitura, essa dificuldade pode aparecer quando essa é realizada em outra língua, uma língua estrangeira. Os ouvintes conseguem ouvir 90%, o que ajuda na leitura. Mas, muitas vezes, os ouvintes entregam atrasado os trabalhos porque têm dificuldades com a leitura, o que evidencia que não é algo que acontece somente com os surdos. Dicas podem ajudar na leitura para compreender conceitos e todo o texto. É preciso ler, ler e discutir com os colegas para entender os conceitos e depois produzir a escrita do texto em português, mas para isso é preciso praticar: pensar/construir em Libras, produzir a escrita em Libras e traduzir para o português escrito, conectando o entendimento nas duas línguas: na Libras e na língua portuguesa. Ao finalizar essa etapa, é preciso entregar o texto para o intérprete de Libras para arrumar o português, por vezes a interlíngua, usando as preposições corretas e no contexto textual adequado. É preciso práticas de leitura. A escola de antigamente era péssima na educação do uso e ensino da língua portuguesa. A escola bilíngue melhorou para os surdos porque envolve duas línguas na aprendizagem, mas são poucas essas escolas, pois a maioria é escola tradicional ou com inclusão.

Depende. O intérprete de Libras sempre estava ocupado, mesmo tendo dois ou três intérpretes de Libras se preparando na equipe da UFRGS. Mandava os textos para os

intérpretes de Libras, não para eles digitarem, porque eu precisava ter autonomia de digitar em português, mas entregava ao intérprete de Libras para, juntos, sentarmos e conversarmos sobre o texto para alterar as palavras do português. Alguns surdos optaram por fazer o vídeo em Libras e entregar para o intérprete de Libras para a tradução para o português. Eu não só digitava o português, mas arrumava, também. Se caso não entendesse o texto em português, ao fazer a paráfrase em Libras, eu explicava a paráfrase em português e adequava para a Libras. Eu tinha autonomia para produzir o texto em português no Mestrado. Meu jeito de escrever sobre a área dos Estudos Culturais, os ouvintes não entendiam, nem os surdos. A minha área era a área de culturas, que eu escrevia do meu jeito.

A maioria dos colegas surdos, durante as aulas da disciplina da Prof. Lodenir, sabiam a Língua de Sinais, mas outros professores não sabiam a Língua de Sinais. Era algo específico da disciplina de Cultura. Dependendo dos horários do intérprete de Libras, da possibilidade de acompanhar a disciplina, se combinado com o intérprete de Libras, no horário marcado e também no dia da matrícula, os intérpretes de Libras acompanhavam os alunos. Na disciplina e orientação da Prof. Lodenir, mesmo sabendo a Língua de Sinais, alguns intérpretes de Libras acompanhavam as aulas porque tinham alguns colegas ouvintes em aula. Dependendo do ouvinte, ele não sabe a língua de sinais, mesmo com interesse na língua. Nas apresentações de trabalho, seja individual, em dupla, trio, no Mestrado e no Doutorado, o intérprete de Libras acompanhava, como expliquei desde o começo do Curso de Letras-Libras.

No Curso de Educação Física foi mais difícil porque não tinha intérprete de Libras, somente para a escrita do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso. Para o Curso de Letras-Libras, as dicas, o TCC, o resumo, os trabalhos sobre gêneros textuais foram em Libras, porque aprendi no Curso de Letras-Libras, pelos professores surdos e ouvintes, através da comunicação em língua de sinais. Depois, no ingresso no Mestrado, o meu desafio foi pelo envolvimento bem maior com o curso, se comparado com a graduação. Na pós-graduação, a pesquisa é bem diferente das que são cobradas na graduação. É fundamental conhecer a teoriano Mestrado e no Doutorado para aperfeiçoar, especificar e focar na pesquisa. Busquei estudos, pesquisas, fiz entrevistas, metodologias, conceitos, os discursos, as palavras-chave e, principalmente, a leitura, porque se não lê, não se tem ideias para o texto e isso não ajuda. É preciso ler muito para ajudar a ter ideias novas. Na graduação é diferente da pós-graduação. Vou usar uma metáfora: a graduação (mãe) orientou ao aluno (filho) para aprender e interagir. No Mestrado e no Doutorado não têm mãe. É preciso autonomia, ter ação individual. O meu grande desafio foi no Mestrado e no Doutorado, muito mais do que na graduação. Na pós-graduação eu estava desesperado para aprender, para buscar. No Doutorado já se tem uma noção, já se sabe, porque já se teve a experiência do Mestrado, que foi mais fácil pra mim. No

Mestrado é tranquilo: novas teorias, novos conceitos, novas entrevistas e novas pesquisas. As leituras com orientação facilitam bastante e me deixavam desesperado por uma nova leitura.

Primeiramente, eu lia bastante, o que me dava ideias novas para conseguir produzir o texto. Se não lia, ficava com a mente vazia e não conseguia escrever em língua portuguesa. Primeiro, eu lia bastante e estudava muito para fazer conexões, discutir o tema e produzir a escrita em língua portuguesa com ideias novas, principalmente sobre a teoria, cultura e literatura, bem como em outra área para produzir relações. Acredito que não somente os surdos, mas os ouvintes também tinham dificuldades de ler e produzir a escrita em língua portuguesa. Sabem falar, mas não conseguem produzir de forma escrita. De forma metafórica, o carro que sabe dirigir, liga o motor, voam as borboletas no estômago, na parada há pedestres, outras pessoas caminham, eu olho no espelho, olho as árvores, atravesso. Igual acontece aqui, da mesma forma, mesmo processo, por etapas para aprender e perceber os lugares, os significados da leitura. O carro não para, como a leitura. É preciso estar sempre aprendendo.

Mesma resposta da pergunta anterior. O mesmo intérprete que escrevia em língua portuguesa, era o mesmo que fazia a correção da língua portuguesa porque eu sempre fazia a minha leitura, do meu jeito, com a minha opinião, com o meu ponto de vista. Em caso de palestras externas, o intérprete de Libras usava a voz e eu enviava os slides para ele treinar, fazer a preparação, treinar a tradução. Digo o intérprete de Libras que fazia a tradução, no caso. Por exemplo, pedia para cuidar da palavra “falha” que eu não diria, mas o intérprete de Libras não concordou sobre essa palavra. É preciso ter cuidado, porque eu era doutorando e precisava usar palavras mais polidas, mas que eu conhecesse. O intérprete de Libras não pode usar palavras que o surdo não sabe, ou só arrumar as palavras e colocar no gerúndio. Criei a palavra, sinalizei na tese: “digitases.”

Na faculdade o papel do intérprete de Libras, na época, era ocupado por vaga de concurso. Fazia um processo seletivo para o cargo de intérprete de Libras. Na universidade não têm muitos surdos e como era só eu, surdo, no Mestrado e no Doutorado, sobravam horas de trabalho do profissional e eu aproveitava. Agora, o profissional intérprete só trabalha no horário das aulas, das disciplinas. Sorte a minha, antigamente. Mas eu não consegui tudo como, por exemplo: o gestuno que deveria ser traduzido para o português e como não sou profissional, preciso do intérprete de Libras, que soubesse traduzir Gestuno, Inglês e ASL. Para isso, precisava chamar o intérprete de Libras que eu pagava a tradução do meu trabalho escrito. Os outros colegas também contrataram um profissional. Minha esposa, Bruna, sabe traduzir para o português, mas depende do perfil do texto, da produção do vídeo em Libras, que também pode ser enviado para o intérprete de Libras para a tradução para o português. O

profissional analisa se está correto e o surdo paga pelo serviço. Prefiro produzir a escrita em português do que na língua de sinais. Consegui um intérprete de Libras externo ao horário de aula para trabalhar na dissertação e na tese. Vou pagar um profissional externo.

Letramento. Desde sempre busco aprender o que envolve leitura. Como respondi nas questões anteriores, principalmente no Curso de Letras-Libras, que me ajudou muito a ampliar o meu conhecimento e para me desenvolver. O Curso de Educação Física não tinha intérprete de Libras e, com isso, o meu conhecimento se dividia em: 70% vazio, porque não tinha intérprete de Libras e 30% entendia, mas com prejuízo. No Curso de Letras-Libras foi diferente: 90% entendia pela língua de sinais, pelo meu letramento e leituras. Busco informações através da língua, na rua, na televisão com uso de legendas, jornais, pela subjetividade do meu conhecimento e da construção do que sei através do Mestrado e do Doutorado. Não se pode parar. É preciso continuar diariamente as práticas de leitura para seguir aprendendo.

A mesma resposta. Oportunidade da escola bilíngue é algo recente, pois, antigamente, para os surdos não tinham escolas bilíngues, o que tinha eram escolas de inclusão, que eram falhas porque prejudicava a educação dos surdos e também a aprendizagem da língua portuguesa. Ser bilíngue tem uma vivência diferente, além de saber usar as duas línguas: Libras e a língua portuguesa. Além disso, muitas escolas precisam melhorar a língua portuguesa no ensino das escolas de surdos. O INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos tem professores ouvintes que não são fluentes na sua grande maioria. Outras escolas de surdos, que são particulares, têm professores surdos e alguns ouvintes que são fluentes e ensinam bem a língua portuguesa para as crianças, desde a Educação Infantil até os Anos Iniciais. Não têm o Ensino Médio no INES, mas devem começar atividades: tarefas em sala de aula com os professores. Na escola bilíngue, que é particular, torço para que seja incluída a LDB das escolas bilíngues de surdos para diminuir barreiras.

Polêmica! Para mim tem o lado positivo e o negativo. Os surdos têm dificuldades com o português e, para melhorar isso, usam a língua de sinais e registram a fala em vídeo, produzindo informações em Libras. Os surdos, muitos, sabem ser bilíngues e têm autonomia para escolher entre a língua portuguesa ou a Libras para produzir seus textos. Hoje, no ano de 2021, no Brasil, a língua de sinais é usada pela comunidade surda que sabe a Libras, já os ouvintes não vão ler a Libras na comunidade surda, o que gera prejuízo. O surdo produz a Libras e o português nas dissertações para que os ouvintes possam ler. No Google não tem como o surdo pesquisar através do uso da Libras, como um sistema de conhecimento, já o português tem no Google, na opção de tradução, assim como o inglês e outras línguas do mundo. Acredito que os ouvintes saberão a Libras no futuro. É algo que está crescendo e é

importante discutirmos políticas sociais que envolvam a Libras nas dissertações e teses. No Brasil, a única surda que produziu o trabalho final em Língua de Sinais, em Vídeo, que é mundialmente conhecida, produziu vídeos sinalizados em Libras em sua tese. Ao usar a Libras, detectar plágio é um pouco mais difícil, se comparado ao uso do português. Além disso, é preciso pensar em uma estratégia para usar da melhor forma o bilinguismo envolvendo as duas línguas: Libras e o português.

Fiz dentro do prazo estipulado, mas depende da UFRGS, porque às vezes têm prazos que caem em feriados e outras datas e que precisam ser adiantados. Eu tive cuidado com isso, tanto no Mestrado quanto no Doutorado. A bolsa que recebia também estipulava o prazo certo dentro de um período para entregar o projeto. Mas se caso o aluno não tiver bolsa, esse prazo é mais flexível. Eu recebi bolsa de estudos no Mestrado e no Doutorado e havia regras rígidas que não podiam ser ignoradas. Descobri, depois que finalizei, que as pessoas com deficiência, surdos ou com algum problema de saúde podem entregar o projeto em um prazo diferente, segundo a Lei.

Mesmo que respondi acima: os artigos eu produzia em língua portuguesa, pois lia, fazia as reflexões e pagava o intérprete de Libras para a correção do português e para configurar o texto e os artigos publicados. Pagava, também, para a tradução em língua inglesa. Os ouvintes sabem porque são bilíngues, mas a maioria também envia o texto para o tradutor, pagam normalmente, pois isso é um padrão dos surdos e também dos ouvintes.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisadora: Giovana Cristina de Campos Bezerra

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Bolívar Lebedeff

Prezado(a) participante,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “**Estratégias de produção da escrita Acadêmica de Mestrandos E Doutorandos Surdos**”, desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas.

Sua forma de participação consiste em conceder uma entrevista narrativa a respeito das estratégias que você usa para produzir sua escrita acadêmica. A entrevista ocorrerá de maneira remota por videoconferência, que será gravada para fins de consulta e transcrição. É relevante salientar que, caso seja do seu interesse, seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; você poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado. Para definir quanto ao anonimato selecione uma das opções a seguir:

Não necessito do anonimato, autorizo a utilização do meu nome na pesquisa.

Prefiro manter o anonimato e meu nome fictício será:

Gostaríamos de deixar claro que sua participação não é obrigatória, no entanto, ela é muito importante para esta pesquisa. Além disso, é importante destacar que o estudo apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum desconforto ou constrangimento na participação, e que, devido a isso, ela poderá ser interrompida a qualquer momento. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do endereço eletrônico arlgini.campos4@gmail.com

Eu, _____,
confirmando que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como a minha forma de participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento e, portanto, permito que a entrevista narrativa concedida por mim seja utilizada neste estudo.

Assinatura do participante

Apêndice C - Roteiro pré-estruturado de entrevista

1. Como você soube das informações para fazer a inscrição do programa de pós-graduação?
Explique.
2. Por que escolheu a sua linha de pesquisa?
3. Como você se comunica/ se comunicou com seu (sua) orientador (a)?
4. Explique como foi para você produzir a escrita acadêmica exigida na pós-graduação ?
5. Você teve o acompanhamento dos mesmos intérpretes de Libras na transcrição/ adequação de português?

6. No seu curso você tem/tinha TILS para acompanhar as aulas? E para a produção de trabalhos em grupo ou trabalho individual fora do horário de sala de aula?
7. Como você aprendeu a reconhecer e produzir os gêneros textuais (resenhas, monografias e outros) da escrita acadêmica?
8. Quais as estratégias você usa/usava para produzir a escrita acadêmica? Estratégias de escrita, e/ou vídeo? Estratégias de leitura?
9. Você utiliza TILS para a produção acadêmica? Como ocorre esse trabalho?
10. O TILS é fornecido pela Universidade ou você paga/ pagou particular?
11. A partir da sua experiência com o letramento acadêmico quais seriam suas sugestões para ações (cursos, formação de TILS, tempo diferenciado, entre outros) nos Programas de Pós-Graduação? Explique.
12. Na sua opinião, você conseguiu refletir teoricamente com o processo de escrita de português?
13. Na sua opinião: você gostaria de ter produzido a Dissertação/ Tese em Libras? Explique.
14. Como você conseguiu fazer a entrega de projeto de dissertação/tese no prazo do programa de pós-graduação?
15. Como você conseguiu pagar o intérprete de Libras na transcrição de português como artigos científicos, dissertação, tese, resenhas e outras demandas de pós- graduação?

Anexos

Anexo A – Coleção Letras Libras



Apresentação **Conteúdos** **Atividades** **Créditos**

Conteúdos > Unidade 1 - Organização cerebral no uso da linguagem > A questão do movimento nas línguas de sinais

- [Leia o texto](#)

.....

- [Veja o exemplo](#)

.....

Vídeo Flash(Vídeo Flash)

[POIZER e BELLUGI \(1989\)](#)
[Veja o exemplo](#)

[Leia o texto](#)

Fonte:

<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/scos/cap18713/1.html#>



Apresentação **Conteúdos** **Atividades** **Créditos**

Conteúdos > Unidade 1 - Organização cerebral no uso da linguagem

> A questão do movimento nas línguas de sinais

> [Leia o texto](#)

Enquanto as pesquisas de aquisição de língua de sinais por crianças surdas revelam que as características fundamentais desta língua visual-espacial independem da modalidade, não podemos deixar de lado o fato de que, apesar disto, há uma diferença entre línguas faladas e sinalizadas e que o padrão auditivo e o padrão visual entram no cérebro por canais separados.

Então [POIZER e BELLUGI \(1989\)](#) fazem a seguinte pergunta: Como estes dois canais aparentemente diferentes para analisar padrões sensoriais sustentam um sistema lingüístico comum?

Para tentar encontrar uma resposta, eles decidiram estudar as diferenças entre a maneira como sinalizantes e não-sinalizantes percebiam o movimento. A hipótese dos pesquisadores era de que as experiências de uma língua visual-espacial podiam modificar a percepção dos elementos da linguagem da mesma maneira que a experiência em uma língua falada modifica a percepção destes elementos.

Para isso, o primeiro passo foi isolar os movimentos dos sinais através de uma adaptação da técnica desenvolvida para estudar como as pessoas percebiam movimentos do corpo humano [Veja o exemplo](#)



Fonte:

<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/scos/cap18713/1.html#>